

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA DE PORTUGAL E DO BRAZIL

Com a colaboração especial dos primeiros escriptores e artistas de Portugal e do Brazil,
e dos mais notáveis artistas de França, Inglaterra, Alemanha e Itália.

DIRECTOR PROPRIETÁRIO: MARIANO PINA

GERENTE EM PORTUGAL E BRAZIL: DAVID CORAZZI



PARIS

ESCRITORIOS: 13, QUAI VOLTAIRE, 13

AGENTE EM PORTUGAL

DAVID CORAZZI
42, RUA DA ATALAIA, 42
LISBOA

AGENTE NO BRAZIL

JOSE DE MELLO
38, RUA DA QUITANDA, 38
RIO DE JANEIRO

10.000 REAIS

III - 10

INDICE DO TEXTO

AFRICA. — Os ingleses no Egypto, 54.
 ALEMANHA. — Os reis na Alsacia, 381.
 AMERICA. — Panamá : Uma nova cidade, 103.
 — No rio Lescops, 245.
 AUTOGRAMOS. — Alphonse Daudet (assinatura), 359.
 — Antero de Quental : Evolução, poesia, 369.
 — Antonio Peixó (assinatura), 366.
 — Bismarck (assinatura), 1.
 — Bramscamp : Uma carta, 371.
 — Carlos Gomes (assinatura), 128.
 — Filho d'Almeida (assinatura), 363.
 — Guerra Junqueiro : Adorável (fragmento), 295.
 — Mariano Pina (assinatura), 355.
 — Oliveira Martins : Um trecho da *Historia romana*, 279.
 — Ramalho Ortigão : Depois d'un domingo em Clifton, 278.
 — Visconde do Arneiro (assinatura), 368.
 — Zola : Carta à Ilustração, 131.
 — Zola : Carta acerca da tradução do *Germinal*, 206.

BELLAS-ARTES. — Avril : *Durante o carnaval*, 42.
 — Azambra : *A Família sagrada*, 354.
 — Barzaghi : *A cabra cega*, 54.
 — Bolicroix : *Uma boa preza*, 259.
 — Benjamin Constant : *Mulheres do Marrocos*, 318.
 — Buland : *Neu cinco reis*, 1.
 — Chaplin : *Mocidade*, 335.
 — Clairin : *Depois da vitória*, 158.
 — Clairin : *O drama e as musicas*, 283.
 — Columbano (do grupo do Leão), 22.
 — Coimbra : *Pierrrot*, 59.
 — Dagnan : *Vaccina*, 342.
 — Delobbe : *A primeira entrevista*, 204.
 — Deuchamps : *A mãe*, 266.
 — Dupré : *O pastor*, 283.
 — Edelfelt : *É a casa da artista*, 133.
 — Edelfelt : *No mar do norte*, 293.
 — Edelfelt : *Serviço divino à beira mar*, 214.
 — Ferrier : *A primavera*, 103.
 — Gervex : *A volta do báile*, 134.
 — Gervex : *O júri do Soldado*, 158.
 — Giacometti : *Primavera*, 6.
 — Guillou : *A Rua de Peisa*, 246.
 — Haquette : *Dianete da crua*, 339.
 — Langé : *Os primeiros passos*, 214.
 — Lhermitte : *A vindima*, 315.
 — Lhermitte : *A vítima do Natal*, 364.
 — Lhermitte : *A missa da galha*, 361.
 — Lhermitte : *Um caminho da erga*, 360.
 — Loranzetti : *Um brouço italiano*, 253.
 — Malhoa : *Do grupo do Leão*, 22.
 — Manz : *O toureiro morto*, 118.
 — Mars : *Os báiles de crianças*, 42.
 — Marius Michel : *As duas virgens*, 134.
 — Martini : *A cigarra*, 118.
 — Moreau : *Um egipiólogo*, 67.
 — Moret : *O martyrio de Jesus de Nazareth*, 86.
 — Ramalho : *Retrato de Mme M.*, 158.
 — Ramalho : *Crise de São Vladimiro*, 384.
 — Rapin : *November*, 331.
 — Rato : *Cain*, 341.
 — Seymour : *Vendedora de larasjas*, 307.
 — Silva Porto : *do grupo do Leão*, 22.
 — Sousa Pinto : *A aposta das batalhas*, 383.
 — Sodré Pinto : *Antes da escola*, 158.

BELLAS-ARTES. — Stewart : *Disfarce*, 382.
 — Tarra : *A carta de boas festas*, 6.
 — Tomasi : *Presente do Natal*, 366.
 — Villazón : *Ave Maria*, 383.
 — Xaner : *Titania*, 331.
 — Zier : *Esther*, 236.
 — Walker : *Ultima flore*, 331.

BIOGRAPHIAS. — Affonso XII, 381.
 — Aimé Morot, 150.
 — António Augusto d'Aguiar, 54.
 — Antero de Quental, 282.
 — Basties Lepage, por A. M., 11.
 — Benjamin Constant, 150.
 — Berton, 150.
 — Bismarck, 6.
 — Bonnat, 150.
 — Boulangier, 150.
 — Bouguereau, 150.
 — Bordalo Pinheiro (Raphael), 70.
 — Bramscamp, 324.
 — Cabanel, 150.
 — Capello e Ivens, 331.
 — Carolus Duran, 150.
 — Duez, 150.
 — Eça de Queiroz, 228.
 — Edimón Abut, 42.
 — Emile Perlin, 322.
 — Feyen-Perrin, 150.
 — Ferran (dr.), 145.
 — Gervex, 150.
 — Gordon, 67.
 — Guerra Junqueiro, 283.
 — Gustavo Doré, 86.
 — Henner, 150.
 — Luiz Couto (dr.), por Escragnolle Tannay, 175.
 — Marquês de Pennafiel, 6.
 — Oliveira Martins, 281.
 — Olivier Pain, 284.
 — Paul Laurens, 150.
 — Peralta Rois (dr.), 59.
 — Pinheiro Chagas, 230.
 — Puvia de Chavannes, 150.
 — Ramalho Ortigão, 282.
 — Renouf, 150.
 — Rochefort e o *Intransigente*, 282.
 — Roll, 150.
 — Rosa, pat., 19.
 — Sarah Bernhardt, 19.
 — Sardou, 150.
 — Thaodórico (actor), 116.
 — Theneopolis (barão de), 246.
 — Valentim de Magalhães, 118.
 — Vallés (Juão), 70.
 — Zola (de Ribe), 99.

BELGICA. — A exposição d'Anvers, 227.
 — O cinquentenário dos caminhos de ferro, 283.

BIOGRAPHIA. — Por Figaro, 207, 384.

BRASIL. — Barcos no Amazonas (desenho de Villazón), 7.
 — Estrada de ferro Príncipe de Grão Pará, 59.
 — A praia da Saudade, 83.
 — A baía de Botafogo, 103.
 — A baía do Rio de Janeiro, 118.
 — A Semana (revista literária), 118.
 — A pedra do martelo, 134.
 — Ponte rustica, 146.

BRAZIL. — O Brazil em Anvers, 262.
 — A cascata grande da Tijuca, 363.

CONTOS. — Abel Acacio : *Uma corrida de talões no S. Miguel*, 311.
 — Baltazar Osorio : *Os mequinhos*, 347.
 — Banville : *A saia de seda*, 85.
 — Banville : *Memento Vivere*, 123.
 — Conde de Ficalho : *A maluca d'A dos Corvos*, 37.
 — Coppée (François) : *Maman Nunu*, 71.
 — Coppée (François) : *Víctims do capitão*, 219.
 — Coppée (François) : *O bocado de pão*, 263.
 — Coppée (François) : *A lenda do manuscrito*, 342.
 — Daudet : *A Arlequina*, 103.
 — Daudet : *A mula do papa*, 234.
 — Daudet : *O homem dos milhos d'urna*, 320.
 — Daudet : *Uma destilação*, 338.
 — Daudet : *A noiva*, 327.
 — Filho d'Almeida : *Nymphas no bosque*, 298.
 — Filho d'Almeida : *A princesinha das rosas*, 362.
 — Teixeira de Queiroz (Bento Moreno) : *Nossa Senhor Jesus Christo*, 101.
 — Vallés (Juão) : *O Santo António*, 66.

CRÍTICAS. — Abel Acacio : Carta acerca da chronica *Um prémambulo*, anotada por Mariano Pina, 166.
 — Eça de Queiroz : *Uma carta sobre Victor Hugo*, 251.
 — Jayme de Segurier : *Deux amies* (de René Maize roy), 6.
 — Lettres à une honnête femme, (de Quatrainas), 6.
 — As mil e uma noites de theatro (de Vito), 6.
 — Hesperus (Carrolls Mendes), 18.
 — Versos de Alfredo Busquet, 18.
 — Cancões d'Abri, 18.
 — A Janelas da Occidente (Peixó), 33.
 — Victor Hugo (Paulo de Saint-Victor), 51.
 — Paulo Bourget, 103.
 — Camilo Lemonnier, 105.
 — Cartas chimericas (Banville), 114.
 — Guy de Maupassant, 114.
 — Véhicle do Padre Eterno (Junqueiro), 310.
 — A Hollandia (Ramalho Ortigão), 321.
 — Mariano Pina : A tradução do *Germinal*, 26.
 — Resposta do sr. Abílio Lobo, 214.
 — Teixeira d'Alvevêdo : Aspectos escenicos, 373.

CRÔNICAS. — Mariano Pina : Poetas e prosaadores, 34.
 — O *Antônio Maria*, 49.
 — Coisas feminis, 62.
 — Um prémambulo, 68.
 — Ento Zola, 130.
 — O *Salon de Paris*, 146.
 — Zola e Eça de Queiroz, 162.
 — Victor Hugo julgado por Guerra Junqueiro, 178.
 — Em Bruxelas, 194.
 — O grupo do Bas-Rhin, 219.
 — Portugal em Anvers, 226.
 — Estética naturalista, 249.
 — Os que começam, 250.
 — A *Véhicle do Padre Eterno*, 273.
 — A *Hollandia*, 290.
 — A typographia em Portugal, 366.

- CORÔNICAS.** — Mariano Pinto : *Resposta a Garceira (A 1)*, 10.
 — — — — — *Coronação excommunicata*, 321.
 — — — — — *Sua Majestade o Cautel*, 328.
 — — — — — *O Natal*, 354.
 — — — — — *Alfonso XII*, 370.
- ROMÉIA.** — *A insurreição na Romênia*, 331, 332.
- ESPANHA.** — *Os tremores de terra*, 42, 53.
 — *Priscilla da nova feira de Pádua em Sevilha*, 85.
 — *Corrida de touros*, 123.
 — *O cholera*, 311, 315.
 — *Conflito hispano-alemão em Madrid*, 285, 291.
 — *Madrid*, 3 — *O palácio do Pardo*, 383.
- HISTÓRIA.** — Oliveira Martins : *Nelly*, 135.
 — Theophile Braga : *As fendas cristãs*, 182.
- HOM (Victor).** — *O nascimento de Victor Hugo*, 31.
 — *A morte de Victor Hugo*, 162, 163.
 — *Gloria ao genio*, 153.
 — *A casa onde nasceu Victor Hugo*, 153.
 — *Lugares amados de Victor Hugo*, 164.
 — *Victor Hugo (retrato)*, 164.
 — *O general José Hugo*, 164.
 — *A casa onde morreu Victor Hugo*, 165.
 — *A sala de recepção de Victor Hugo*, 166.
 — *Funerais de Victor Hugo*, 170.
 — *Hymno a Victor Hugo*, 182.
 — *Um desenho de Victor Hugo*, 203.
 — *Victor Hugo e as suas obras*, 203.
 — *Quatro retratos de Victor Hugo*, 203.
 — *Um desenho de Victor Hugo*, 243.
- ILLUSTRAÇÕES.** — Adrien Marie : *Ulléggiature*, 249.
 — Caran d'Ache : *Página alegre*, 211.
 — Caran d'Ache : *Um drama horrível*, 262.
 — Caran d'Ache : *Página alegre*, 324.
 — Chetmouski : *Os banhos do mar*, 291.
 — Job : *Página alegre*, 315.
 — Paredes : *O dia de finados*, 325.
 — Ramalho : *A matheca d'A dos Corvos*, 42.
 — Ramalho : *Encadrement*, 308.
 — Villaga : *Um anno que se foi*, 22.
 — Villaga : *Uma primeira página*, 198.
- INGLATERRA.** — Londres : *As notícias do Egypcio*, 57.
- ITALIA.** — *O dia de Reis em Roma*, 10.
 — *Roma : A invasão dos cárdeas*, 27.
- LISBOA.** — *O Autômio Maria*, 67.
 — *A Romaria dos jornalistas*, 193.
 — *A Ardeiana*, no Théâtre de D. Maria, 213.
- MOÇAMBIQUE.** — *Notícia sobre Múmbo*, 6.
- NOTAS E IMPRENSAS.** — 14, 238, 255, 256, 282.
- NUMISMÁTICA.** — *O dinheiro de Judas*, 83.
- PARIS.** — *O inverno em Paris*, 6.
 — *O Boulevard dos Itálidos*, 71.
 — *A exposição dos quadros de Balzac*, 107.
 — *A livraria Charpentier*, 113.
 — *O dia de Fevralzage*, 133.
 — *Nas margens do Sena*, 134.
 — *Últimas modas*, 134.
 — *Durante o verão*, 243.
 — *O Grand-Prix*, 263.
 — *Em frente do monte de Longchamps*, 271.
 — *No dia 14 de julho*, 274.
 — *A estação de Vincennes*, 277.
 — *O Arco de Triunfo*, 275.
 — *Últimas modas*, 292.
 — *Os domingos no Sena*, 293.
 — *Um meeting de socialistas*, 294.
 — *As eleições*, 334.
 — *Capello e Ivens em Paris*, 366.
- POESIAS.** — Alberto Brannão : *Qui obscurum*, 127.
 — Alberto Paraiso : *Anmar*, 286.
 — Alberto d'Olivera : *Podadão*, 5.
 — Alberto d'Olivera : *A janelha de Júlia*, 35.
 — Alberto d'Olivera : *Cofres partidos*, 98.
 — Alberto d'Olivera : *Aprendiz*, 101.
 — Alfredo Alves : *O passado*, 256.
 — Alfredo Alves : *D. Sebastião em Alcobaça*, 270.
 — Alfredo Alves : *As saudades de D. João II*, 283.
 — António de Quental : *A evolução*, 308.
 — António Feijó : *Oriental*, 366.
 — António Nobre : *Santa Cecília*, 259.
 — Bernardo Lucas : *Vespertino*, 225.
 — Eça de Almeida : *Notável*, 267.
 — Eça de Almeida : *Do meu inferno*, 329, 335.
- PORTUGAL.** — *Visita do Porto*, 132.
 — *Uma passagem no terraço-Tui*, 224.
 — *A exposição Portuguesa em Anversa*, 225.
- RÚSSIA.** — *A pele em Astrakhan*, 2.
 — *O inverno*, 334.
- SCIÉNCIA.** — *Notícias científicas*, 7, 11, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 136, 275, 286.
 — *Teoria das manchas solares*, 37.
 — *Os tremores de terra em Andaluzia*, 38.
 — *Estudos sobre a incubação*, 37.
 — *Os surdos e a literatura do movimento dos labios*, 38.
 — *Os microbios benéficos*, 39.
 — *O jogo e a intelligence*, 39.
 — *A rainha do seculo*, 39.
 — *A intelligence dos animais*, 396.
 — *Pastor e a vacina da hidrofobia*, 399.
- TEATROS.** — Por Basílio, 14, 126, 226, 258.
 — *O sexto acto de Theodora*, 22.
 — *Um fragmento de Theodora*, 30.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

NOTA. — Neste volume há dois supplementos. — O do n.º 12 deve ser na encadernação colocado entre os n.º 11 e 12. — O do n.º 23 entre o presente índice e o n.º 1.

- AFRICA.** — *Os ingleses no Egypcio*, 56 e 57.
- ALLEMANHA.** — *O dia de reis na África*, 373.
- AMÉRICA.** — Panamá, uma vila da noite cidade, 198.
 — *No rio da Lessops*, 152.
- BELLAS-ARTES.** — Adan : *Depois do trabalho*, 153.
 — Avril : *Duende o carnaval*, 40 e 41.
 — Azambra : *A Família sagrada*, 333.
 — Barragli : *A cabra cega*, 45.
 — Benjamin Constant : *Az mulheres de Marrocos*, 317.
 — Boaqueru : *A adoração dos pastores*, 157.
 — Bougueru : *A adoração dos magos*, 157.
 — Buiand : *Nas cinco reis*, 253.
 — Boulanger : *Coronata*, 152.
 — Chaplin : *Moçambique*, suplemento ao n.º 23.
 — Clairin : *Depois da vitoria*, 153.
 — Clairin : *O drama*, 281.
 — Clairin : *A musica*, 284.
 — Columbano : *Um retrato*, 27.
 — Conurre : *Pierrot*, 53.
 — Conurre : *Uma fidalguinha Luis XV*, 145.
 — Dagnan : *A vacina*, 344 e 345.
 — Delobbe : *A primavera entrevista*, 205.
 — Doré : *A parca e o anão*, 81.
- BELLAS-ARTES.** — Dore : *Os mendigos de Burgos*, 92.
 — Dore : *Uma dança francesa*, 93.
 — Dupré : *No prado*, 120 e 121.
 — Dupré : *O pastor*, 280.
 — Edelfelt : *Em casa do artista*, 129.
 — Edelfelt : *O serviço divino à beira mar*, 216 e 217.
 — Edelfelt : *No alto mar*, 280.
 — Fayer : *Antes da tempestade*, 155.
 — Fayer-Perrin : *Scissando*, 156.
 — Forrier : *A primavera*, 105.
 — Gervex : *O júri de pintura*, 148.
 — Gervex : *A volta do balle*, 137.
 — Giacometti : *A primeira neve*, 5.
 — Grellecon : *Uma indicação*, 156.
 — Guillou : *Uma lida de peixe*, 248 e 249.
 — Hequeto : *Últimas flores*, 328.
 — Jurdain : *Uma noite*, 155.
 — Langlois : *Os primeiros passos*, 221.
 — Laurens : *Fausto*, 146.
 — Lhermitte : *A caminha da Egreja*, 360.
 — Lhermitte : *A missa do gallo*, 361.
 — Lhermitte : *A véspera de Natal*, 364.
 — Lhermitte : *A vindima*, 318 e 319.
 — Lorenzetti : *Um bronze*, 204.
 — Luis Deschamps : *A mãe*, 265.
 — Malhoa : *Silhouette de Toledo*, 22.
 — Manet : *O toureiro morto*, 124.
- BELLAS-ARTES.** — Martini : *A cigarraria*, 117.
 — Marius Michel : *As duas virgens*, 136.
 — Moreau : *Martyrio de Jesus de Nazareth*, 88 e 89.
 — Moreau : *O egíptólogo*, 70.
 — Mostes : *O temporal*, 155.
 — Raulha : *A cruz de São Wladimir*, 351.
 — Ramalho : *Retrato de Mme M...*, 154.
 — Rapin : *Novembro*, 25.
 — Rato : *Cain*, 341.
 — Seymour : *Vendedora de laranjas*, 565.
 — Silve Pinto : *A Salomé*, 22.
 — Sousa-Pinto : *A spanha das batatas*, 380.
 — Sousa-Pinto : *Antes da escola*, 154.
 — Swart : *Distarce*, 175 e 177.
 — Terrant : *Presente de Natal*, 357.
 — Tomasi : *A carta de bras festas*, 9.
 — Uzés : *O leão amoroso*, 156.
 — Villaga : *Ave Maria...*, 380.
 — Xanxo : *Titania*, 321.
 — Zier : *Esther*, 254.
 — Walker : *Últimas flores*, 328.
- BELGICA.** — *A exposição universal d'Anversa*, 229.
 — *O clacenteñario dos caminhos de ferro*, 276 e 277.
- BRAZIL.** — *Barcos no Amazonas*, 13.

- BRAZIL.** — *Vindicta da Grotta-Funda.* — Estrada da ferro do príncipe do Grão-Pará, 60.
 — Uma ponte rustica, 245.
 — A cascata grande da Tijuca, 269.
 — O Brasil em Anvers. — O pavilhão do café, 264.
 — O Brasil em Anvers. — A saia da exposição brasileira, 264.
 — Rio de Janeiro: A praia da Saudade, 84.
 — Rio de Janeiro: A balsa do Botafogo, 109.
 — Rio de Janeiro: Vista da Barra, 116.
 — Rio de Janeiro: A Semana, 134.
 — Rio de Janeiro: A pedra do Marisco, 141.
- EUROPA.** — A Insurreição na Roumania, 333 e 340.
- FRANÇA.** — Banhos de mar em França, 201.
 — Eleições em França. — Um meeting de socialistas por Edraud, 296 e 297.
- ESPANHA.** — Os tremores de terra, 33, 36, 44 e 52.
 — Sexta feira de Paixão em Sevilha, 85.
 — As corridas de touros, 125.
 — O chelera. — A vacina do dr. Ferran, 209.
 — O conflito hispano-alemão. — Manifestações em Madrid, 285 e 293.
 — O conflito hispano-alemão. — As ilhas Carolinas, 292.
 — O cholera. — As emigrações, 309.
 — Madrid: O palacio do Pardo, 361.
- HUGO (Victor).** — O nascimento de Victor Hugo, 84.
 — Glória ao Génio, 161.
 — A casa onde nasceu Victor Hugo, 164.
 — Os jogares amados de Victor Hugo, 165.
 — Retrato de Victor Hugo, por Bastien Lépage, 168 e 169.
 — O general José Hugo, pai de Victor Hugo, 172.
 — A casa onde morreu Victor Hugo, 172.
 — A sala de recepção de Victor Hugo, 172.
 — Os funerais de Victor Hugo, 172, 180, 181, 185, 189 e um supplemento.
 — Victor Hugo à hora da morte, 181.
 — Victor Hugo morto, pintado por Bonnat, 188.
 — Um desenho de Victor Hugo, 196 e 244.
 — Victor Hugo e a sua obra, 197.
 — Quatro retratos de Victor Hugo, 244.
- ILLUSTRAÇÕES.** — Adrien Marie: *Villegiatura*, 231.
 — Bélicroix: *O tempo da caça*, 257.
 — Caran d'Ache: *Páginas alegres*, 220.
 — Caran d'Ache: *Um drama turvil*, 260.
 — Caran d'Ache: *Páginas alegres*, 248.
 — Job: *Páginas alegres*, 248.
 — Mare: *Durante o Carnaval*, 45.
 — Paredes: *O dia da final*, 305.
 — Ramalho: *A malha d'A dos Corvos* (conto pela Condé de Ficalho), 37.
 — Ramalho: *Nossa Senhor Jesus Christo* (conto por Bento Morenho), 101.
- ILLUSTRAÇÕES.** — Villaça: *Um anno que partiu*, 28.
- INGLATERRA.** — Notícias do Egypcio nas ruas de Londres, 65.
- ITALIA.** — O dia de Reis em Roma, vi.
 — Roma. — A lavagem dos carneiros, 137.
- IBAMA.** — O *Antonio Maria* (reproduções) 68, 69, 70.
 — *Kermesse no Paço do Estrela*, 104.
 — *Arlequina*, no teatro de D. Maria, 300 e 301.
 — A entrada de Capello e Ivens no Tejo, 329.
- MONACO.** — A chegada a Monaco, 8.
- MUSICAIS.** — Alico: *Habanera*, 112.
 — Barnabas: *Chanson Hongroise*, 208.
 — Carlos Gomes: *Sacra Bandiera*, 128.
 — Chopin: *Mauroka*, 160.
 — Chopin: *Mauroka*, 279.
 — Chopin: *Mauroka*, 303.
 — Chopin: *Mauroka*, 316.
 — Grotty: *La garde passee*, 144.
 — Handel: *Pastorale*, 320.
 — Meurisse: *Monette*, 321.
 — Saint-Saëns: *Hymne à Victor Hugo*, 190 e 191.
 — Schubert: *Reverence des cloches*, 48.
 — Schubert: *Air de ballet*, 80.
 — Visconde de Arneiro: *Gatouilleum*, (Bluetta), 368.
 — Weber: *Marcha das bohémias*, 64.
 — Weber: *Nuit d'été*, 240.
- NUMISMATICA.** — O dialeiro de Judas (desenho de Vierge), 83.
- PARIS.** — Os patinadores no Bosque de Bolonha, 61.
 — O boulevard dos Italianos, 77.
 — Uma exposição de quadros, 100.
 — A livraria Charpentier, 108.
 — No dia do Verão, 133.
 — Nas margens do Sena, 133.
 — Últimas modas, 140.
 — Durante o verão, 193.
 — O *Grand-Prix*, 200 e 201.
 — Em frente do moinho de Longchamps, 204.
 — O dia 14 de julho, na Comédia Francesa, 212.
 — A estatua de Voltaire, 225.
 — A decoração do Arco do Triunfo, 236.
 — Últimas modas, 268.
 — Um domingo no Sena, 268.
 — O *Intransigente* (redução photographica), 281.
 — As eleições. — Turmistas no boulevard, 332.
 — Capello e Ivens em Paris, 356.
- PORTEGAL.** — Vista da cidade do Porto, 132.
 — Uma paisagem de Riba-Tajo (desenho de Ramalho, segundo uma photographia do sr. Carlos Reivas), 213.
- PORTUGAL.** — Exposição portuguesa em Anvers. Várias salas, 228, 233, 236.
- RETRATOS.** — Afonso, XII, 369.
 — António Brancamp, 373.
 — António Augusto d'Águeda, 51.
 — António do Quental, 273.
 — Bastien Lépage, 4.
 — Benjamin Constant, 147.
 — Bismarck, 1.
 — Bonatti, 149.
 — Bouguerat, 136.
 — Boulanger, 149.
 — Breton, 149.
 — Cabanel, 149.
 — Capello e Ivens, 329.
 — Dore (Gustavo), 93.
 — Duse, 149.
 — Duran, 149.
 — Edmond About, 36.
 — Eça de Queiroz, 273.
 — Ferraz (dr.), 257.
 — Feyen Perrin, 149.
 — Gervax, 149.
 — Gordon, 69.
 — Guerra Junqueiro, 273.
 — Hennet, 149.
 — Laurens, 149.
 — Luiz Couto (dr.), 191.
 — Marquez de Penafiel, 12.
 — Morat, 140.
 — Oliveira Marillas, 273.
 — Olivier Pain, 284.
 — Pereira Reis (dr.), 60.
 — Perrin (Emile), 332.
 — Pinholero Chagaa, 233.
 — Povis de Chavannes, 149.
 — Ramalho Ortíz, 273.
 — Raphael Bordallo Pinheiro (por Columbano), 73.
 — Rochefort, 281.
 — Renouf, 149.
 — Roll, 149.
 — Ross pte, 20.
 — Sardou (quadro de Girou), 17.
 — Sarah Bernhardt (por Bastien Lépage), 24 e 25.
 — Theodorico (o actor), por Bordallo Pinheiro, 116.
 — Theresópolis (barão de), 152.
 — Valiás (Jules), 70.
 — Zola, 97.
- RÚSSIA.** — A peste em Astrakhan, 12.
 — O Inverno, 324.
- SCIENCIAS.** — A rainha do seculo, 113.
 — Pasteur e a cura da hydrophobia, 340.
 — Torpedeiro sub-marino, 373.
- TEATROS.** — O 5.º quadro de *Théodora*, por Adrián Marie, 29.

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

escriptorio, 6, rue Saint-Pétersbourg
Antigamente

Anno. 1884. 44 francos
Assinatura. 10 francos
Ano. 1885. 45 francos
Se resto de tempo. 10 francos por semestre e 20 francos por anho.

2.º Anno. — Volume II. — Número 1.

PARIS 5 DE JANEIRO DE 1885

Editor: MARIANO PINA

56 DE JANEIRO

627, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 5510, 5511, 5512, 5513, 5514, 5515, 5516, 5517, 5518, 5519, 5520, 5521, 5522, 5523, 5524, 5525, 5526, 5527, 5528, 5529, 55210, 55211, 55212, 55213, 55214, 55215, 55216, 55217, 55218, 55219, 55220, 55221, 55222, 55223, 55224, 55225, 55226, 55227, 55228, 55229, 552210, 552211, 552212, 552213, 552214, 552215, 552216, 552217, 552218, 552219, 552220, 552221, 552222, 552223, 552224, 552225, 552226, 552227, 552228, 552229, 5522210, 5522211, 5522212, 5522213, 5522214, 5522215, 5522216, 5522217, 5522218, 5522219, 5522220, 5522221, 5522222, 5522223, 5522224, 5522225, 5522226, 5522227, 5522228, 5522229, 55222210, 55222211, 55222212, 55222213, 55222214, 55222215, 55222216, 55222217, 55222218, 55222219, 55222220, 55222221, 55222222, 55222223, 55222224, 55222225, 55222226, 55222227, 55222228, 55222229, 552222210, 552222211, 552222212, 552222213, 552222214, 552222215, 552222216, 552222217, 552222218, 552222219, 552222220, 552222221, 552222222, 552222223, 552222224, 552222225, 552222226, 552222227, 552222228, 552222229, 5522222210, 5522222211, 5522222212, 5522222213, 5522222214, 5522222215, 5522222216, 5522222217, 5522222218, 5522222219, 5522222220, 5522222221, 5522222222, 5522222223, 5522222224, 5522222225, 5522222226, 5522222227, 5522222228, 5522222229, 55222222210, 55222222211, 55222222212, 55222222213, 55222222214, 55222222215, 55222222216, 55222222217, 55222222218, 55222222219, 55222222220, 55222222221, 55222222222, 55222222223, 55222222224, 55222222225, 55222222226, 55222222227, 55222222228, 55222222229, 552222222210, 552222222211, 552222222212, 552222222213, 552222222214, 552222222215, 552222222216, 552222222217, 552222222218, 552222222219, 552222222220, 552222222221, 552222222222, 552222222223, 552222222224, 552222222225, 552222222226, 552222222227, 552222222228, 552222222229, 5522222222210, 5522222222211, 5522222222212, 5522222222213, 5522222222214, 5522222222215, 5522222222216, 5522222222217, 5522222222218, 5522222222219, 5522222222220, 5522222222221, 5522222222222, 5522222222223, 5522222222224, 5522222222225, 5522222222226, 5522222222227, 5522222222228, 5522222222229, 55222222222210, 55222222222211, 55222222222212, 55222222222213, 55222222222214, 55222222222215, 55222222222216, 55222222222217, 55222222222218, 55222222222219, 55222222222220, 55222222222221, 55222222222222, 55222222222223, 55222222222224, 55222222222225, 55222222222226, 55222222222227, 55222222222228, 55222222222229, 552222222222210, 552222222222211, 552222222222212, 552222222222213, 552222222222214, 552222222222215, 552222222222216, 552222222222217, 552222222222218, 552222222222219, 552222222222220, 552222222222221, 552222222222222, 552222222222223, 552222222222224, 552222222222225, 552222222222226, 552222222222227, 552222222222228, 552222222222229, 5522222222222210, 5522222222222211, 5522222222222212, 5522222222222213, 5522222222222214, 5522222222222215, 5522222222222216, 5522222222222217, 5522222222222218, 5522222222222219, 5522222222222220, 5522222222222221, 5522222222222222, 5522222222222223, 5522222222222224, 5522222222222225, 5522222222222226, 5522222222222227, 5522222222222228, 5522222222222229, 55222222222222210, 55222222222222211, 55222222222222212, 55222222222222213, 55222222222222214, 55222222222222215, 55222222222222216, 55222222222222217, 55222222222222218, 55222222222222219, 55222222222222220, 55222222222222221, 55222222222222222, 55222222222222223, 55222222222222224, 55222222222222225, 55222222222222226, 55222222222222227, 55222222222222228, 55222222222222229, 552222222222222210, 552222222222222211, 552222222222222212, 552222222222222213, 552222222222222214, 552222222222222215, 552222222222222216, 552222222222222217, 552222222222222218, 552222222222222219, 552222222222222220, 552222222222222221, 552222222222222222, 552222222222222223, 552222222222222224, 552222222222222225, 552222222222222226, 552222222222222227, 552222222222222228, 552222222222222229, 5522222222222222210, 5522222222222222211, 5522222222222222212, 5522222222222222213, 5522222222222222214, 5522222222222222215, 5522222222222222216, 5522222222222222217, 5522222222222222218, 5522222222222222219, 5522222222222222220, 5522222222222222221, 5522222222222222222, 5522222222222222223, 5522222222222222224, 5522222222222222225, 5522222222222222226, 5522222222222222227, 5522222222222222228, 5522222222222222229, 55222222222222222210, 55222222222222222211, 55222222222222222212, 55222222222222222213, 55222222222222222214, 55222222222222222215, 55222222222222222216, 55222222222222222217, 55222222222222222218, 55222222222222222219, 55222222222222222220, 55222222222222222221, 55222222222222222222, 55222222222222222223, 55222222222222222224, 55222222222222222225, 55222222222222222226, 55222222222222222227, 55222222222222222228, 55222222222222222229, 552222222222222222210, 552222222222222222211, 552222222222222222212, 552222222222222222213, 552222222222222222214, 552222222222222222215, 552222222222222222216, 552222222222222222217, 552222222222222222218, 552222222222222222219, 552222222222222222220, 552222222222222222221, 552222222222222222222, 552222222222222222223, 552222222222222222224, 552222222222222222225, 552222222222222222226, 552222222222222222227, 552222222222222222228, 552222222222222222229, 5522222222222222222210, 5522222222222222222211, 5522222222222222222212, 5522222222222222222213, 5522222222222222222214, 5522222222222222222215, 5522222222222222222216, 5522222222222222222217, 5522222222222222222218, 5522222222222222222219, 5522222222222222222220, 5522222222222222222221, 5522222222222222222222, 5522222222222222222223, 5522222222222222222224, 5522222222222222222225, 5522222222222222222226, 5522222222222222222227, 5522222222222222222228, 5522222222222222222229, 55222222222222222222210, 55222222222222222222211, 55222222222222222222212, 55222222222222222222213, 55222222222222222222214, 55222222222222222222215, 55222222222222222222216, 55222222222222222222217, 55222222222222222222218, 55222222222222222222219, 55222222222222222222220, 55222222222222222222221, 55222222222222222222222, 55222222222222222222223, 55222222222222222222224, 55222222222222222222225, 55222222222222222222226, 55222222222222222222227, 55222222222222222222228, 55222222222222222222229, 552222222222222222222210, 552222222222222222222211, 552222222222222222222212, 552222222222222222222213, 552222222222222222222214, 552222222222222222222215, 552222222222222222222216, 552222222222222222222217, 552222222222222222222218, 552222222222222222222219, 552222222222222222222220, 552222222222222222222221, 552222222222222222222222, 552222222222222222222223, 552222222222222222222224, 552222222222222222222225, 552222222222222222222226, 552222222222222222222227, 552222222222222222222228, 552222222222222222222229, 5522222222222222222222210, 5522222222222222222222211, 5522222222222222222222212, 5522222222222222222222213, 5522222222222222222222214, 5522222222222222222222215, 5522222222222222222222216, 5522222222222222222222217, 5522222222222222222222218, 5522222222222222222222219, 5522222222222222222222220, 5522222222222222222222221, 5522222222222222222222222, 5522222222222222222222223, 5522222222222222222222224, 5522222222222222222222225, 5522222222222222222222226, 5522222222222222222222227, 5522222222222222222222228, 5522222222222222222222229, 55222222222222222222222210, 55222222222222222222222211, 55222222222222222222222212, 55222222222222222222222213, 55222222222222222222222214, 55222222222222222222222215, 55222222222222222222222216, 55222222222222222222222217, 55222222222222222222222218, 55222222222222222222222219, 55222222222222222222222220, 55222222222222222222222221, 55222222222222222222222222, 55222222222222222222222223, 55222222222222222222222224, 55222222222222222222222225, 55222222222222222222222226, 55222222222222222222222227, 55222222222222222222222228, 55222222222222222222222229, 552222222222222222222222210, 552222222222222222222222211, 552222222222222222222222212, 552222222222222222222222213, 552222222222222222222222214, 552222222222222222222222215, 552222222222222222222222216, 552222222222222222222222217, 552222222222222222222222218, 552222222222222222222222219, 552222222222222222222222220, 552222222222222222222222221, 552222222222222222222222222, 552222222222222222222222223, 552222222222222222222222224, 552222222222222222222222225, 552222222222222222222222226, 552222222222222222222222227, 552222222222222222222222228, 552222222222222222222222229, 5522222222222222222222222210, 5522222222222222222222222211, 5522222222222222222222222212, 5522222222222222222222222213, 5522222222222222222222222214, 5522222222222222222222222215, 5522222222222222222222222216, 5522222222222222222222222217, 5522222222222222222222222218, 5522222222222222222222222219, 5522222222222222222222222220, 5522222222222222222222222221, 5522222222222222222222222222, 5522222222222222222222222223, 5522222222222222222222222224, 5522222222222222222222222225, 552222222222222222



Preambulo. — Os pedantes. — Os meus receios. — As edições de Natal. — Deux amies, de René Maizeroy. — Lettres à une honnête Jeune, por Quatrelos. — Amis e uma noite de théatre, por A. Vito. — Os suplementos literários do Correio da manhã.

Meu caro leitor, eu sei que tu detestas os pedantes e sei também que não te é preciso muito para mimosares com este epíteto, acompanhado d'um significativo movimento de hombros o ente cuja voz, cujas opiniões, cujo penteado desafinam das tuas ideias sobre o modo por que se deve falar, opinar e alisar o cabello n'este mundo. Não é preciso muito, repito e acrescento mesmo que basta às vezes o talhe de uma phrase, ou mesmo d'um casaco para arrancar dos teus lábios a terrível sentença. O escriptor X. costuma citar Taine nos seus escriptos. Pedante! O pintor Y. foi visto no extrangeiro de *emelnerbochen* e *alpenstock* na mão. Pedante! O músico Z. usa o cabello à Capoul. Pedante! O jornalista V. faz artigos de crítica. Pedante! Inipice pedante! Este ultimo sobretudo, porque a palavra *critico* tem o condão especial de te fazer ouvirás todo.

Nada mais desdenhoso do que o jeito do teu labio ao dizer: O critico Osorio! Osorio pode ser um genio mas tu não admites que Osorio faça critica. ora ao mesmo tempo que negas a um pobre pluminoso o direito de dizer o que pensa ácerca da estatua, do quadro ou do drama do momento, tu és talvez o sujeito da Europa que em face de qualquer d'essas obras de arte declararia com voz mais autoritaria que esse quadro é uma taboleta de estalagem em que essa estatua é uma fraude de pedra. Se em S. Carlos por exemplo, um tenor perpetra *amor* d'essas filhas que uma gráfila mesmo acharia fôr de tom, tu ergaes o teu pé vingador e com um golpe seco de tacão vingas Euterpe ultrajada. Mas se no dia seguinte o collaborador musical do *Jornal moderno* probar n'um longo artigo que esse tenor deve ser collocado na serie omythologica entre o pavão e a avara — tu encolhes os hombros e declaras que o critico é um pretenso debruado d'uma ignorante — sem te lembrar que na vespa fizeras tambem obra de critica e mesmo de demolição.

Ora eu conhecedo perfeitamente esta tua idiosincrasia [espero que esta palavra não esfriará as nossas relações] este asco particular que te inspiram os criticos, confesso que não me sinto muito à vontade ao encetar a primeira d'estas crônicas. Se tu me vieses chamar *Sainte-Beuve em herva*, *Gustave Planche a preços reduzidos*, ou quasequer outras coisas ponteagudas... Em-fim, espero que á força de bonacheirismo e de simplicidade acabarei por desarmar-te, e que no cabo de alguns d'esses passios de braço dado a través da literatura contemporânea, chegarás a convencer-te de que o teu guia ou antes o teu companheiro não pretende outra coisa mais do que indicar-te os bons, os queridos livros que te podem dar a alegria, a saúde da alma, a confiança na vida — e também os outros, que des-

alentam e repugnam, para que por surpresa se não insinuem no teu lar e manchem a tua estante honesta. Não conclusas porém d'esta especie de profissão de fé que tenciono recommendar-te com ardor a biblioteca Rossa ilustrada ou a reles literatura *Olhête*. Tu não és positivamente uma virgem de quinze annos e eu ainda menos uma madre abadessa. É provavel mesmo que tenhamos as nossas *prises de bec* sobre o verdadeiro valor de certas obras que a moda, um falso gosto e um falso *psychut* apregoa por toda a parte como honestissimas e morais e que eu acho simplesmente obscenas. Por outro lado succeder-te-ha ouvir-me louvar com entusiasmo certos nomes que o mesmo gosto e o mesmo *psychut* designam ao teu odio e ao teu anathema. Estas dissidencias são mesmo convenientes. Provar-te-hão primeiro que eu não sou um *vil adulador* e que no meu desejo de te agradar não vou até o ponto de dizer que *sim* com a cabeça a tudo do que tu gostas. Por outro lado á força de te contrariar em certos pontos, talvez te decido a ir ver pelos teus olhos em vez de te fiar na opinião em voga, o que pode dar de vez em quando o resultado imprevisto de te pôres d'accordo comigo, com o que eu ficarei muito lisongeado. Em troca, prometo dizer-te as coisas châmitas, em linguagem corredia, sem papillotes de imagens pontaçudas [com exceção d'esta ultima]; e em matéria de espirito se não posso prometer-te o do sr. de Voltaire, procurarei ao menos ter o de todo a gente que, segundo se diz, ainda é maior.

* * *

Dá-me pois o teu braço e partemos. As ruas estão em festa. É a semana das *étreennes*. As livrarias resplendem como santuários. As edições maravilhosas que o Natal faz brotar n'este solo pingue de talento, foram de alto a baixo as prateleiras.

É uma profusão de verde, de azul, de vermelho e de ouro, que deslumbra o olhar e encanta o espirito. Por pouco se tenha a fibra bibliomana, não se pode reprimir um calafrio de voluptuosidade ao contemplar todas estas maravilhas. O luxo das edições modernas excede tudo quanto a phantasia pode sonhar de mais arrojado. As artes todas e de todos os tempos fundem-se no explendor total do livro triunfante.

Os estofois mais ricos, as matérias mais curas, os metais mais preciosos, o setim, o velludo, o marfim, a tartaruga, a pelle de crocodilo, de serpente, o nickel, a prata, o ouro, as cōres, as gravuras, as impressões polychromas, as iluminuras pacientes e custosissimas, as letras ornadas de motivos caprichosos, os *cul-de-lampas*, o papel *Whitman*, o papel Japão, o pergaminho e finalmente o *Jalent* com á qual todas estas maravilhas ficariam tenebrosas e que as banha e irisa em fulgurações de sol.

Vê por exemplo o que o Natal nos trouxe este anno. Eis *Mireille* o delicioso idyllio de Mistral, com a sua capa de pelica granulada e branca sobre á qual se estampa, como se ali houvesse trinbado por acaso, um ramo druida de gui vibrante; eis a *História de Jeanne-d'Arc*, com a estatua da heroica virgem, impressa em ouro em fundo escarlate; eis a *Vida de S. Francisco de Assis*, com duzentas gravuras devidas aos primeiros artistas de França, obra-prima de typographia que marcará data nas artes de impressão; *l'Art d'être grand père*, de Victor Hugo, com a griffe autographa do velho leão e toda resplandecente

de estampas; o *Ullano*, de Derouïde; os *Contos para a juventude*, de Alphonse Daudet; a *Página de amor*, de E. Zola, etc., etc. Vem em seguida a literatura infantil, os *Contos de Perrault*, editados pela 1.000^a vez e sempre frescos e perfumados como se houvessem sido escriptos homem, as *Fabulas de Lafontaine*, a *História de Collin Tampon*, por Quatrelos, um escriptor de quem ainda terrei de falar no decurso d'esta chronica, e finalmente a longa epopeia simili-scientifica de Julio Verne...

Quando escrevo « finalmente » é para acabar o periodo, porque na verdade seriam poucas as columnas d'este jornal para enumerar as publicações da epocha. O que se gasta em França n'este tempo em livros de luxo, excede todo o calculo. É realmente pena que o costume de se oferecerem livros nas epochas de festa não venha substituir no nosso paiz o sensaborio costume das amendoas.

Seria um pretexto magnifico para se ler alguma coisa, e elles não abundam tanto entre nós que se possa desprezar um que seja. Por outro lado, evitar-se-hia um numero consideravel de colicas, com o que toda a gente ganharia, se exceptuarmos os pastelleiros e os boticarios.

* * *

Aqui está em cima da meia um bonito volume de 300 paginas, intitulado *Les Deux amies*, de René Maizeroy.

Quando lhe tiver consagrado as dez ou vinte linhas a que tem direito, farei com elle uma bella chaminé na minha chaminé.

Como já te disse, eu não sou dos que deante da Venus de Milo exclamam, baixando os olhos — *cachet ce sein que je ne saurais voir*. Este livro porém toca com mão tão pouco dexta e tão brutal uma questão tão repugnante, que man grado meu sinto quasi vergonha de o ler lido.

Para que falar d'elle então? perguntarás tu. Quando mais não seja para que tu o não leias e já dou o meu tempo por bem empregado.

O que me irria sobretudo n'este romance é o elle estragar, com a pessima disposição do entrecho, com a preocupação da lubricidade e com o estudo superficial de caracteres pintados de *chic*, um assumpto que tratado por um mestre da força de Zola ou dos Goncourt seria uma terrível e moralizadora lição. É uma historia d'uma d'essas ligações antinaturais que tão frequentemente se estabelecem entre as educandas dos conventos. No nosso paiz, essas ligações tem o nome significativo de *senti-mentos*.

Ellas constituem uma das chagas tanto mais terríveis quanto mais occultas da sociedade contemporânea. O escriptor de envergadura genial que fizesse sobre este assumpto uma obra definitiva e cruel produziria sem dúvida na sua epocha o seu meio um abalo sem exemplo. René Maizeroy, na sua qualidade de simples *rapin*, deixou tudo por fazer. D'este livro incompleto, superficial, torturado, pretencioso, salvam-se a custo quatro ou cinco bôas paginas.

O esystilo indeciso ainda, por vezes banal como um noticioario, outras amaneirado e alumbrado, recordando o de algumas das mais pretenciosas novelas de C. Mendes, sem a phantasia, a elevação, e o colorido poético, d'este ultimo artista,

— traz o escriptor novato que cinco ou seis volumes mais ou menos pornographicos ainda não conseguiram definir e que anda tentando a busca do caminho final onde se firmo e marcha livremente a sua individualidade.

A minha opinião porém é que René Maizeroy — um dos jovens escriptores da voga — nunca terá folego nem músculo para um volume de trezentas páginas. Ha-de exgotar-se em quadrinhos de gênero amavelmente executados e nada mais.

* * *

Alphonse Karr tem, sem o saber talvez, um filho que se chama Quatrelles. O atestado de filiação é este livro *Lettres à une honnête femme*.

É a mesma ironia um pouco triste, o mesmo olhar saudoso para o passado, o mesmo estylo incisivo, mordaz, que brilha e fere ao mesmo tempo, — um estylo e um estylete.

Oicam esta bonita definição :

.... A amizade tem os mesmos ardores que o amor. Difere-lhe duas cidades, servidas por uma única estrada. Um bosque espesso oculta-as. Seria fácil torná-las uma pela outra e está-se já bem perto, quando de sublinhar o caminho bifurca.

Os acontecimentos contemporâneos, o divórcio, o cholera, as festas nacionaes em Paris, os concertos de caridade, etc., inspiram-lhe páginas encantadoras de *humorismo*. A *philosophia* de Quatrelles, se se pode empregar esta grave palavra com um escriptor tão mundano, é fácil e levemente sceptica. Raras vezes, quasi nunca mesmo, se lhe percebe a indignação sob o sarcasmo penetrante. Aqui e acolá uma outra página fresca como um ilhéu e impregnada de poesia melancólica abre no fôsforo aspero das ironias uma larga fresta para o céu azul e para a natureza em flor.

Mas são curtas essas páginas. A realidade brutal, dolorosa ou comica, eis o que o interessa e o prende. Queréis fazer um pouco ideia das ruas de Paris nos últimos annos do século xix. Lé-de. É uma mulher que escreve :

— Já se não pode mandar as crianças a passar; puramente. Os pequerruchos, gestam de figuras. São bonitas as que se vêem agora nas esquinas! Que exposito permanente de imundícias! Tenho sempre de andar com o guarda-chuva aberto entre minha filha e a parede. Por todo a parte, padres chulos, mulheres violentadas, frágeis arragadas, Christos mescerados, criaturas em tenções tuas que é fácil-supor-se que um novo reforço de pâlixos recém-enterrados desembocarão devorou bem mal a propomito, a ultima das folhas de vinhos. Quo diriam os que affizam tais indecências se as pandurassem no quarto de suas filhas?...

.... Hontem, oíça, não vou mas longe do que hontem, — subo com Lucy para uma carroagem descoberta. Eu supponho que o cavalio *sympathisou* comigo, porque se poiz a trouxer sem se importar com o cocheiro que se esforçava por lhe fazer comprehender que o haviam tomado à hora. O animal insistiu; e outros também e, então começo uma arreia apimentada, um rosario de epithetos capazes de escandalizarem uma mesmeleia eleitoral: « Vai te dar o tuote grandissima.... pedaço de.... e de.... e de.... » Eu entretanto tava o melhor que podia os ouvidos de Lucy; mas ai de mim, n'estas ocasiões por mais que se faça sempre passa alguma coisa.

Zango-me; o cocheiro redobra de injúrias e trata-me desde de minha filha como anca: uma ebria foi tratada.... Desço do tren, tendo pago o miaserval que me insultava tres francos por uma corrida de tres milhas.

Chamo um tramway, o *Completo!* Apressemos o

passar. Ha lugar no carro imediato, mas o condutor só quer parar a pretender fazer nos subir duas ou três a andar. Recuso e com razão, este senhor tem um malo familiar de ajudar a gente a subir para estradas que só todos, fugem ou lutam.... e me nota.

.... Entim, acabaram por subir. Tendo um lugar reservado a Lucy entre os fundos, a Vuit completou a junta de malha filha, das namoradas.... deslumbradas na outra cida, estão enlouquecidas no anexo A.... como hei de dizer isto? a femme, entim, encosta langamente a cabeça no homen do... — macho. O senhor olhares cruzam-se, as suas mãos justinhas.

De tempos a tempos, os seus filhos encostam-se, ligados, poco se conduzam que interessa.

— Que tenho eu com isso, não me dirá?

— É resistente!

— Pois feche os olhos!

— E minha filha que está ao pé d'essa gentinha!

— Deixa-a lá. Basta a estudar.

Chamo Lucy. Apenas-lhe, Numa taberna, uma florimaria entre canticos obscenos. Apressem o passo, embora me falte a respiração. Criaturas perdidas.... perfidas e que se acham sempre, acotoveladas nos passicos. Descentes para a calada, a risco de lhas fazeiros atropelar. Nas janelas, damas em penteados fazem propostas nos transuentes. Por onde andar, menina que onde fá

... Caminhamos ao longe das paredes. Certas rústicas fazem-nos subir o rubor da face. Perfumarias fraudulentes e livrarias pornographicas oligram-nos a bávaras os olhos.... Anoçada volta a cabeça para a esquerda, ante que um kiosque, ferrado de jornais com gravuras, mafia voltar para a direita.... *

Paro-me aqui. A *criação* não é completa mas dá a ideia da forma e da maneira do escriptor.

* * *

As mil e uma noites do theatro é um título que deixa logo de parecer phantastico assim que se saiba que o seu auctor A. Vitu é ha mais de treze annos o critico dramatico do *Figaro* e que este volume é o primeiro d'uma colleção de artigos sobre todas as peças theatraes que se tem representado em França desde 1871 ate 1874.

A. Vitu constitue com Sarcey, J.-J. Weiss e Lapommeraye o terrível quadrumvirato que em Paris decide das reputações e dos successos theatraes. Assim como a heroina das celebres estâncias de Corneille, uma peça nunca possará por bella

qu'autant qu'ils l'autront dit.

Graves, compenetrados, elles assistem ás primeiras representações com o ar solenne de velhos desembargadores encarregados de julgar factórios encarcerados no crime. Os factórios entretanto, occultos atraç dos bastidores, espíam enciosamente o que se passa no phisonomia dos quatro juizes. Um espirro, um bocejo, uma pitada de rapé, uma palavra em voz baixa para o espectador vizinho — são logo interpretados, comentados, discutidos como importantes acontecimentos e indícios significativos. Se Sarcey olha para os camarotes, está tudo perdido, mas se Vitu sorri a um dito da peça, tudo se pode ainda remediar. O publico mesmo participa de igual influencia e muito espectador aplaude e retrase-se segundo julgou descobrir na phisonomia do seu critico predilecto uma impressão favorável ou desfavorável á peça. Compreende-se pois a importancia extraordinaria de que desfructam aquelles personagens junto dos emprezarios e dos jovens auctiores. São verdadeiras potencias com que é preciso contar e cuja influencia entra pelo menos tanto quanto

o merecimento das peças no éxito que elles obtêm.

Teem-se visto vitorias ilustras da primaria noite, arrancadas por surpresa, um julgamento do publico — pagante — abortarem miseravelmente a partir da segunda representação e transformar-se instantaneamente em lamentaveis derrotas. No intervallo, Furlongue, triste, fallida e desdida que se peca era estupida.

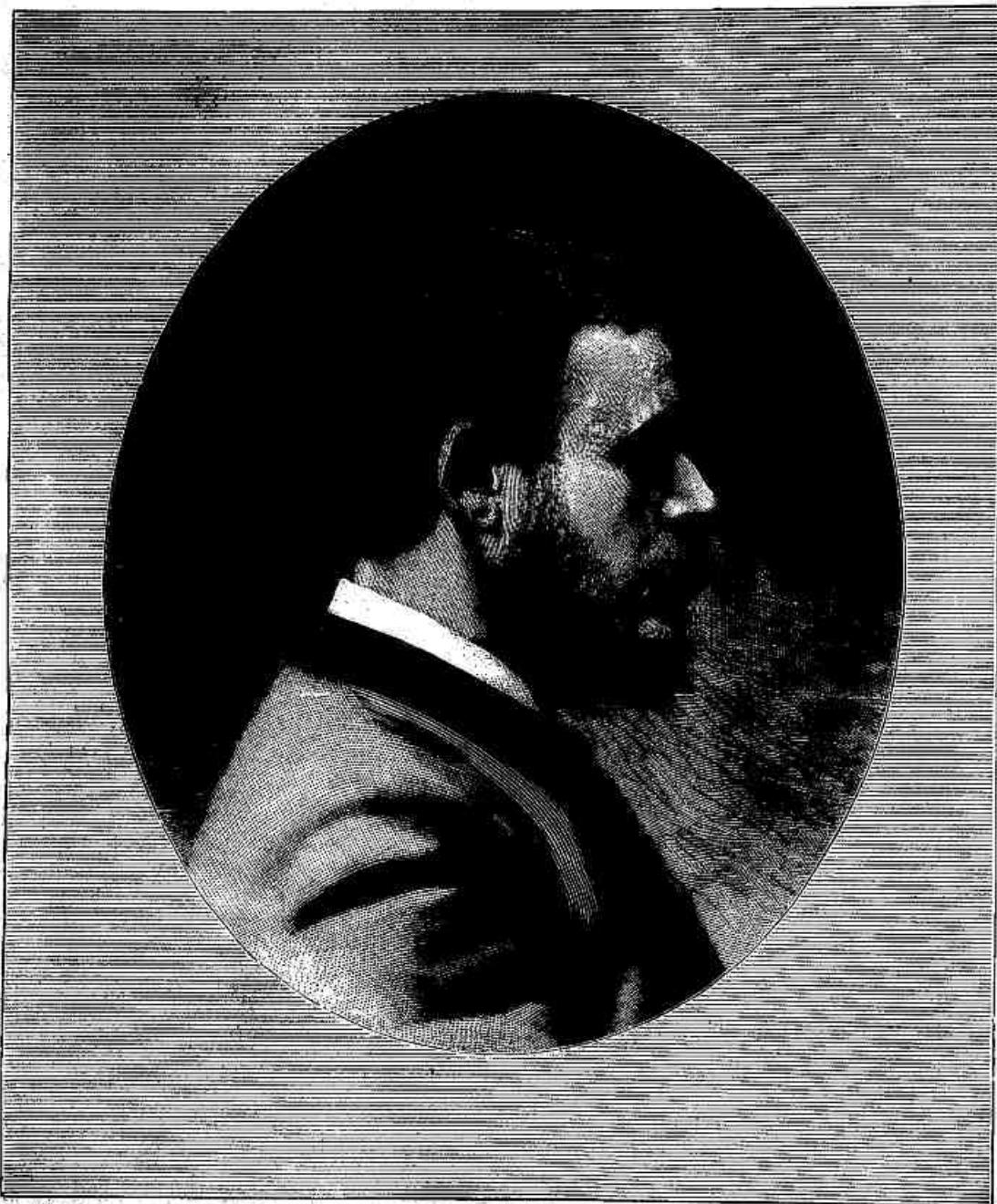
Mais felizes do que A. Vitu, os outros treze condenados simplesmente ao folhetim hebdomadario, tem longos dias diante de si para meditarem os seus artigos. Vitu, esse rema quotidianamente na galera do *Figaro*. Ainda o papau vem no ar sobre a ultima phrase da comédia, já uma carroagem o leva a todo o galope a sua Drouot onde uma equipe de typographos lhe de reserva à espera d'elle. Em meia hora, n'uma hora o maximo, o artigo é fabricado, tudo vibrante ainda das emoções da noite.

Horas depois, o espector do drama, ao acordar, encontra sobre o travessão do *Figaro*, com a descrição completa da peça e com a sua apreciação critica. A este aparo de *reportage* ainda não chegámos em Portugal. Os nossos criticos costumam dormir sobre o caso.

E. Bergerat, quando Vitu e outros lhe demonstraram a sua peça — *Le Nom* — vingau-se interrogando-lhes desdenhosamente com o epíteto de *soiristes*. A expressão é engenhosa mas injusta com relação a Vitu que é realmente um eruditó e mesmo um sabio em matéria de theatros. E segundo se diz, o homem de França que sabe mais sobre Molière. Isto já não é pouco, atendendo a que para conhecer a fundo uma personalidade d'aquella envergadura é necessário ter feito os mais solidos estudos sobre a sua lingua e sobre a historia contemporânea de Molière; e o que acerca de Molière existe na hora em que estamos e já uma bibliographia quasi tão volumosa como a de Shakespeare. Vitu não conhece porém isso apenas, que nestes tempos de especialidades profundas seria já bastante para a vida d'un homem. Vitu conhece todo o theatro de todos os países desde Aristophanes, sabe de cor Corneille, Racine, Regnard e V. Hugo, lembra-se do enredo de todos as peças que tem visão e que já lido, e sabe descobrir e indicar a dedo por entre o matagal das scenas da obra triunfante a situação plagiada do obscuro vau-deville, assobiado ha trinta annos.

Conhece, também como ninguem, a arte de contar as peças e a arte mais subtil ainda de distinguir na armadura que as reveste a junta apenas perceptível por onde pode insinuar-se a lâmina da sua ironia penetrante. Mais para ali o seu saber e falta-lhe a *vista de alto*, o largo folego, a amplidão de idéias e o estylo escultural que dão a J.-J. Weiss o primeiro lugar na critica e um dos primeiros na litteratura contemporânea. É miudinho, agarreado ás receitas da velha coisinha theatral, como diz *Ignotus*, sem as quais não vê taboa de salvação e segundo as quais se juíga obrigado a pessigar um *derreimento* em Daudet com a mesma mão com que coroa d'Enery ou A. Belot. Quantão é sua apregoada imparcialidade ella não é tão inflexivel que se não curve em biasdicias todas as vezes que a obra a julgar tem por assinatura real ou fingida algum dos figuristas que atoram com a profissão de autores dramaticos — Philippe Gille, Millaud ou Jules Preval.

O livro de Vitu é todavia interessante de folgar. Com quanto a maior parte das suas páginas se enham perdido a fronteira



BASTIEN-LEPAGE

orvalho da ultima hora, da actualidade palpável, elas não deixam de ser por isso documentos curiosos sobre a historia da literatura dramática, e a esse titulo encontraram leitores n'este paiz onde essa curiosidade está atingindo um grau quasi morbido. Eu confesso que o li com prazer e gostaria deveras que o nosso difícil e enfadado publico o lesse tambem, para se tornar um pouco mais benevolo com os nossos autores nacionaes. Quando mais não fosse aprenderia a não julgar a literatura theatrical francesa pela elite apuradissima que ali lhe servem todos os annos e que assim lhe estraga o paladar. Venia entao que mesmo no paiz que mais gosto tem para o theatro, como se diz na

nossa terra, por cada 20 que tentam, ha 19 que succumbem e que nas cento e tantas peças (sem falar nas reprises) que subiram à scena em Paris desde 1871 a 1873, apenas quatro vingaram conciliar os aplausos do publico com os louvores da critica, a *Christiana*, de Gondinet, a *Condessa de Sommerville*, de Barrière, *Rabagues*, de Sardou, e a *Visite de Noces*, de Dumas filio. Talvez se convencesse entao que quando pestaia tudo o que não é uma obra-prima no nosso theatro, e quando afasta de scena por exagerados rigores homens do valor de Pinheiro Chagas e de Antonio Ermes, da do seu gosto uma ideia para a qual o adjetivo *lissoner* não foi positivamente inventado.

Os supplementos do *Correio da Manhã* são os únicos acontecimentos literarios da ultima quinzena em Portugal.

Escusado é dizer que a nossa sympathia — escrevo em nome da *ILLUSTRAÇÃO* — está de antemão adquirida a este interessante tentativa. No proximo numero consagrarei aos notáveis trabalhos já publicados um estudo especial, de que me privo agora por estrechez de espaço.

JAVIER DE SERRIER.



A PRIMEIRA NEVE. — Desenho original de Giacchimelli

AS NOVAS GRAVURAS

O PRÍNCIPE DE BISMARCK

O numero 15 da ILLUSTRAÇÃO, de 5 de dezembro findo, apresentamos aos nossos leitores o retrato de Stanley, o famoso explorador africano que tanto ruído tem ultimamente levantado em volta do seu nome, defendendo as pretensões da Associação internacional — de que é presidente o rei dos belgas — no que diz respeito às regiões do Congo. Não nos moyam-sympathias nem antipathias publicando o seu retrato. No programma da ILLUSTRAÇÃO não se acham incluídas ideias políticas sejam de que ordem for. Era uma physiognomia da maior actualidade que era necessária tornar conhecida do nosso público, e não hesitámos um momento em dar-lhe toda a publicidade. Aos que conhecem profundamente os assuntos africanos é que deixámos, como o nosso silêncio, o occasião para uma critica sympathetic ou desagravado.

Hoje, sempre animados das mesmas intenções, tento spanas por fim satisfazer à curiosidade do público, damos um magnifico retrato de Bismarck, o grande chanceler do império alemão, o presidente da conferencia internacional africana que se reuniu em Berlim, e onde representavam Portugal os ses, marquez de Penafiel e Serra Pimentel.

É o ultimo retrato de Bismarck, este que hoje damos. Tirado há pouco tempo na casa de campo do chanceler alemão, foi confiada uma prova a um ornal de Berlim que acaba de o publicar, e que pela sua vez o cedeu à ILLUSTRAÇÃO e a um outro grande jornal de Londres.

O príncipe de Bismarck, é famoso personagem, cujo nome anda há quinze annos envolvido n'uma lenda de terror e de absolucion, e o mais sympathetic dos homens e o mais agradável dos vivos. A grande qualidate que tem este d'ele é o primeiro personagem do império alemão e o patriótismo. Talvez que tenha sido prejudicial o seu excesso — mas tem sabido levantar o seu lamaçal cultural, e dar a Alemanha um physionome que tem feito é ate invejado pela propria Inglaterra.

Bismarck na sua vida parisiense, é um homem simples, um rascunho-soldado dos desportos, vivendo a vida mais tranquila e mais silenciosa, ou no seu gabinete de trabalho, ou no seu jardim, à sombra d'uma arvore, o cachimbo bem carregado, e o seu bello cão aquecendo-lhe os pés. No parlamento é ele tivesse, absoluto, despotico mesmo. O seu exclusivismo tem-lhe acarretado grandes inimizades políticas, e nestes últimos annos tem sustentado no parlamento a mais encarniçaada luta com os liberais. Ninguém dirá, acaso, conhecimento das suas faculdades políticas e diplomáticas, o quanto este homem é despretendioso eufável no trato intimo e para elle, e sua maior satisfação, é saber que os camponeses no meio de quem vive e adoram não por adulção, mas sinceramente.

No momento em que escrevemos faltam-seem Paris da proxima vinda a esta cidade do príncipe de Bismarck, de passagem para Nice, onde sua esposa vai passar o inverno por conselho dos médicos. Esta passagem por Paris é um pretexto para uma entrevista entre Bismarck e o sr. Ferry, o presidente do conselho de ministros. Como sabem, a Alemanha porge de acordo com a França para tratar assuntos coloniais. A entrevista de que se fala será o complemento diuaria aliança bem declarada.

Como os tempos mudam!... Quem diria em 1870 que o príncipe de Bismarck havia de entrar em Paris com 1885 — para fazer da Alemanha uma aliada da França!...

E se a aliança se não declarar publicamente a

nunciada entrevista terá como pretexto uma aproximação amigavel, e a confirmação oficial de que a Alemanha tomará parte na grande exposição universal que se ha de realizar em Paris em 1889.

A PRIMEIRA NEVE

GIACCOMELLI não é um nome ignorado dos leitores da ILLUSTRAÇÃO. Tiveram occasião de o ver firmando um soberbo quadro *Nauprigo*, e que inspirou versos deliciosos no nosso assiduo colaborador Jayme de Seguier.

A composição que elle hoje nos oferece, e que tem por título *A primeira neve*, não é menos sympathetic na sua menor belia do que a outra a que alludimos. Giaccomelli é um eminent naturalista que tem passado toda a sua vida a estudar as aves, produzindo os mais extraordinarios e curiosos quadros. Ninguem como elle, para saber pintar as misérias e as grandezas dos passaros, as suas tristezas e as suas alegrias, as suas lutas, as suas dores, as suas felicidades.

A *primeira neve* é um verdadeiro poema do inverno, o difficulto serio a um poeta da pena poder ser mais eloquente do que o nosso artista, na soberba pagina que nás temos a satisfactio de oferecer a os nossos leitores.

MONACO

MONACO | Monaco |...

MONACO é Monaco! Quantas alegrias e quantas tristezas; quantos momentos de felicidade diante dum punkado d'ouro e do notas de mil francos que se acaba de ganhar ao jogo por um acaso feliz da sorte — e tambem quantos momentos d'angustia, de hesitação horrivel, diante d'um rewolver, no silencio glacial dum quarto d'hotel, quando se acaba de perder sobre o piano verdo do Casino, o que se tem... e o que se não tem, e que se não pode pagar nas vinte e quatro horas da praxe.

Monaco é seguramente o inferno mais bem agradado que o diabo construiu sobre a terra com todos os encantos d'um Eden.

Este inferno veio Satana colocar-nos n'uns baldios e mopeadas esterias, à beira do Mediterrâneo, entre a França e a Itália, sob um céu azul que faz inveja ao bom ceu portuguez e junto a um azul do mar que o Virgilio cantou bem.

E o diabo, positivamente o diabo, que transformou este terreno esteril no mais delicioso e encantador jardim como se não encontrra outro igual em toda a Europa, nem mesmo para os lados d'Andaluzia. E depois de ter edificado n'este palmo de terraço os mais deslumbrantes hotéis e o mais esplêndido Casino; e depois de ter metido varias roletas em varias salas, fez de tudo isto um principado que deu a administrar a um príncipe, dizevam-lhe: « Abre as portas aos jogadores... »

E desde esse dia Monaco é frequentado por todo o Mundo, é n'este Inferno com acres de Eden, ralam durante os meses d'inverno, quando o termometro marca 20 graus abaixo de zero em São Petersburgo e 12 graus em Paris — milhões e milhões, como só ralam em tanta quantidade nos bancos de Paris.

Mas Monaco ao mesmo tempo que é inferno para quem joga, é tambem um paraíso para os que têm dinheiro e vão para aliguer de dezembro a fevereiro d'um sol esplêndido e da mais suave das temperaturas. Monaco e Nice formam uma das mais afamadas e das mais agradáveis estadias d'inverno que a Europa posse.

Basta olhar para a soberba pagina de Riou, um dos mais celebres desenhistas franceses, para se fazer uma ideia completa do encanto d'aqueles paragens, — d'esta vida tão feliz e tão risoma que podem gozar os que possuem aquelles chás que mal se entreverem, ou longe escondidos em mysterio, e segredos de vaidade e de flores, e que somem para este mar tranquillo d'edissão, apenas salpicado pela brancura das velas *flambeaux*.

Este anno vai passar o inverno para as proximidades de Monaco a princesa de Bismarck, a quem os medicos alemães aconselharam o meio dia da França.

A viagem vai dar occasião à passagem por Paris do príncipe de Bismarck e a uma entrevista entre o chanceler do império alemão e o sr. Jules Ferry, presidente do conselho. Nica é o pretexto para um grande acontecimento politico cujos resultados ainda estamos longe de prever.

A CARTA DE BOAS FESTAS

GOSTAMOS de vos dar boas festas! Muito boas festas! Quantas cantos, de todos os fortes matos e de todas as cidades, não andam cheios d'estas boas palavras, pelo mundo inteiro, pelo vasto mundo, na ultima semana de dezembro e nos primeiros dias de janeiro.

Chegam de todos os lados a todos os lados, até mesmo ao fundo dos Pampas e mais longe ainda, ao fundo dos mais obscuros cacebres das aldeias ignoradas da província. Mas não é n'um cacoche obscuro que habita a adocavel senhora, a noiva ou a esposa de marinheiro que Tomai — um distinto artista — nos pintou de pé, diante d'uma espíra tenres e procurando sobre os continentes o lugar perdido donde lhe veio a carta que ella tem nas mãos, a carta de ausente.

Foi para o Brazil, ou para a China, ou para os confins d'Africa que está ausente partiu. Foi para lá que elle desapareceu. Está acoch, navegando ou estacionando, arriscando talvez a vida, longe de todos quantos o amam e a estremecem. As vezes passa-se muito tempo sem que elle escreva. Passam-se dias e dias, semanas e semanas, sem que a sua letra surja. Mas não se esqueceu de escrever uma boa carta para que chegue às mãos dos entes queridos na quadra das grandes festas da familia — e o olhar commovido da noiva ou da esposa procura sobre um ponto do globo Rio de Janeiro ou Lousã e esta ideia não a abandona: « Esta agorá aí! É d'afí que elle me escreve... Tão longe!... No fim do mundo!... »

E do Natal ao dia do Anno bom elle olha repetidas vezes a espihra girando em torno do seu eixo, e ha de interrogar os continentes, os mares, as ilhas e ha de fixar a vista sobre o ponto do mundo onde elle vive e ondelle escreve, sei no dia em que recebera uma nova carta, a ultima carta do ausente, a carta que é saudade com um grão d'alegria, sublinhada com um extremitamento do coração e onde elle escreve:

— Estou de volta!

Quantas saudades, quantos sorrisos, quantas lagrimas mesmo (quem sabe?) não ha de provocar a delicadeza e lindissima gravura que a ILLUSTRAÇÃO tem hoje o prazer de publicar! Quantas!... Tão certo d'isto está o autor como estamos nós, ouctor que deve uma bona parte da sua merecida reputação a este delicioso e sentido quadro que é uma verdadeira obra-prima de elegancia e simplicidade.

O SR. MARQUEZ DE PENAFIEL

BRAZILICO de nascença, foi addito à legião do Brazil em Lisboa durante bastantes annos. Foi durante a sua estada n'esta capital que realizou o seu consorcio com a filha única do conde de Penafiel, amigo corroeiro. Naturalizado cidadão portuguez foi elevado a marquez de Penafiel depois nomeador do reino. Toda sociedade elegante de Lisboa confiava seu physionome sympathetic, este distinto e pequeno cavalheiro, de quem a ILLUSTRAÇÃO publica hoje o retrato, e cujas recepções brillantes fizeram época e ficaram celebres na capital portuguez. Hacem annos o governo de Sua Magestade nomeou-o seu ministro em Berlim, e ali tem adquirido verdadeira estima e profunda consideração não só da corte imperial como tambem de todo o corpo diplomatico, onde o seu nome é sempre pronunciado com respeito. Foi na

qualidade de representante do governo português que o sr. marquez de Penalol tomou parte na conferencia internacional africana presidida pelo principe de Bismarck, e onde se tem regulado as importantes questões coloniais que dizem respeito à livre navegação do Congo e do Niger. Além do sr. marquez de Penalol, o governo português também enviou como delegado especial à conferencia africana o sr. Serpa Pimentel, que tempos antes tivera uma entrevista com o principe de Bismarck relativa aos direitos de Portugal sobre o Congo.

A PESTE EM ASTRAKAN

A PRESTE, este mal estranho, misterioso e impossível de curar, de que falam as chronicas da idade media, a verdadeira peste cujo foco é na Ásia, mas terrível que o cholera, acaba d'aparecer a alguns distritos orientais do império russo.

Diz-se que foi um cosaco da província d'Astrakan quem importou este melancólico flagelo. Conta-se que trouxera da Ásia menor um chale turco que ofereceu à sua noiva. Apenas a rapariga o pôs sobre os homens, sol logo assaltada de dores violentas; a pelle tournou-se-lhe preta e morreu na mesma noite.

Foi a partir d'este momento que o mal se manifestou com rapidez, sendo atacadas famílias inteiros que morreram horas depois. O governo russo tomou medidas hætericas com o fim de evitar a propagação do mal que se achava concentrado n'alguns distritos da província de Astrakan. Os medicos russos recomendaram, para combater o mal, o ar puro, os banhos, as imersões em agua gelada, n'uma paluva, a hydrotherapy na sua mais completa applicação.

A nossa gravura representa uma curiosa e bem triste scena. Um bando de individuos atacados da peste foram levados para um rio que se encontra completamente gelado. Mandaram-os respirar; abriram-se buracos sobre o gelo; meteram ali os doentes e largaram-no durante uma hora com a mesma agua do rio que gelara à superficie. O tratamento é verdadeiramente horrível — mas é o unico que se conhece para combater este flagelo que fatalmente ainda não tomou sérias proporções.

BARCOS NO AMAZONAS

O NOSSO colaborador artístico F. Villaça mostra-nos hoje um outro curioso e originalissimo aspecto do rio Amazonas, desenhado com esta felicidade e elegância de traço que tanto o caracteriza e que fazem d'ele um dos mais distintos desenhistas portugueses. Escusado será oncrecer esta pagina tratada com verdadeiro sentimento, por que mais do que nós podemos dizer, dí-lo este desenho aos olhos dos nossos leitores.

São tambem do lápis do moço artista as delicadas e graciosas vinhetas que hoje ornam as varias secções do nosso jornal.

No proximo numero teremos occasião de publicar — o que não fazemos hoje por absoluta falta d'espaco — uma espirituosa composição sun, allusiva ao anno de 1824, cuja partida lhe inspirou um bem ele-gante desenho.

A ILUSTRAÇÃO publicará no proximo numero:

... O celebre retrato de Sarah-Bernhardt pintado por Bastien-Lepage, gravura do nosso eminente colaborador Ch. Baude.

... Um magnifico retrato de Victorien Sardou o illustre autor da nova tragedia Théodora.

... E um retrato do grande actor Rosa pae, desenhado expressamente para a ILUSTRAÇÃO pelo distinto pintor Antonio Ramalho.



NOVAS INVENÇÕES

UMA MACHINA PARA TRAZER CHUVA. — Entre as ultimas invenções que chegaram da Austrália, achou-se uma máquina para produzir chuva em tempo de seca. O apparelho compõe-se de um balão carregado de dynamite que se inflama por meio de fios eléctricos comunicando com uma pilha logo que elle atinge a região das nuvens; e a chuva deve cair. Este apparelho vai ser experimentado na Nova-Gales do Sul, que é um paiz seco, e os habitantes d'esta região esperam impacientes o resultado.

A LITHOGRAPHIA SOBRE ZINCO. — Deve-se a M. Monrocq a introdução em França da lithographia sobre zinco que está destinada a substituir a lithographia usual n'um futuro proximo. Eis algumas das vantagens do zinco sobre a pedra:

É dez vezes mais barato, e possue eminentemente as mesmas propriedades. O zinco pode dar 15 a 20,000 provas sem ser alterado.

É leve (densidade 7,2) enquanto a da pedra lithographica é de 2,5 a 2,7; pouco volvemos e facil de armazenar. O trabalho é o mesmo que o da pedra e os retaques não apresentam dificuldade alguma. O exemplo seguinte fará ver claramente as suas vantagens: uma pedra grande pesa son kilogrammas, custa 200 francos e occupa um volume de 80 decímetros cúbicos; pode ser substituída por uma folha de zinco pesando 3 kilogrammas, valendo 16 francos e cujo volume é inferior a meio decímetro cúbico!

FABRICAÇÃO DO GÁZ DE ILLUMINAÇÃO POR MEIO DO PETRÓLEO BRUTO. — O mundo científico e industrial tem sempre considerado o petróleo como um recurso precioso para o futuro: máquinas a vapor fixas e móveis são aquecidas com petróleo; é um dissolvente magnifico e dá uma luz excelente e pouco cara; além d'isso o solo encerra quantidades enormes de petróleo. Os Americanos tiram d'ele um gás que empregam para a iluminação e para queimar, que lhes dão resultados excellentes. A Companhia dos gás, extruídos do petróleo para a América do Norte construiu apparelhos especiais para a fabricação d'este gás. Um galão (4 litros) de petróleo bruto custando 25 centesimos produz mais de dois metros cúbicos d'um gás cujo poder iluminante é 5 vezes mais considerável do que o do gás de iluminação ordinária. A instalação das máquinas, de um preço moderado, é fácil, pouco embaraçosa, e o seu emprego é além d'isso muito simples.

UM NOVO APPARELHO PARA SEGUIR A MARCHA DOS TRENS. — Dois engenheiros alemães, Mayerhofer e Diener inventaram um apparelho muito engenhoso que permite seguir, na gare central de Berlim, a marcha dos trens circulando em todas as linhas em um raio bastante extenso. Este apparelho compõe-se de uma lâmina circular de vidro opaco com linhas horizontais e pequenas rectas verticais. Setas curtas, que representam os trens, seguem as linhas horizontais que indicam as vias e passam em frente das linhas verticais com numeros de ordem, que figuram as gares. As setas são pegas em movimento pelos próprios trens por meio de pequenos instrumentos metálicos que põem as locomotivas geradoras de electricidade em contacto com bandas de zinco aplicadas ao longo dos carros.

Este apparelho está destinado a prestar os maiores serviços; um empregado pode seguir, no seu gabinete, a marcha dos trens sobre uma certa extensão e prevenir telegraphicamente os chefes de gare logo

que um perigo se torna provável. Os Americanos estabeleceram uma boa comunicação entre o conductor e o machinista de um mesmo trem. Na linha de Chicago a Cincinnati todos os trens estão munidos d'este apparelho que registra todos os signos. Deste modo a responsabilidade de cada empregado está perfeitamente definida.

APPARELHO DE TELEFONIA. — A cidade de Munich vai utilizar a força motriz do rio Isar, instalada em 1,700 cavalos, para iluminação electrica das suas ruas e dos seus monumentos (2,200 cavalos são reservados para este fim, e para as particulares iluminação, força motriz). A sociedade Edison instalou 293 lampadas de incandescência na nova Escola central.

A partir do 1.º de janiero de 1885, todos os fieis empregados na iluminação electrica, na telegraphia ou na telephonia, devem ser enterrados. O conselho municipal de Philadelphia assim o ordenou no dia 15 de setembro ultimo.

Durante o mês de setembro passado, os 1.º e 3.º regimentos de engenharia fizeram, no campo de Sa-roy, experiências muito interessantes. Os officiares creditos que comandam a Escola militar de Versailles empregaram a electricidade na iluminação das galerias de minas, no funcionamento dos ventiladores, na carga de pequenos acumuladores destinados a alimentar as lampadas de duas velas levadas pelos soldados, etc.

O ÁGUA DO MAR EM CASA. — Obtem-se muito simplesmente a atmosfera das praias do mar; basta tomar 10 volumes de agua oxigenada contendo um centesimo de ether carregado de ozono, saturado de lodo e encerrando 2 centesimos e meio de sal marinho. Espalha-se esta solução quer por meio do vapor de agua, quer em pequenas gotas a rasão de 120 gramas aproximadamente por hora. Obtem-se assim um ar do mar muito agradável e muito sâo que é talvez o melhor desinfetante e cujo emprego será precioso nos hospitais.

NOVO PROJETO HUMANITARIO PARA A EXECUÇÃO DOS CONDENNADOS À MORTE. — Sabe-se que a descarga de uma forte bateria electrica mata instantaneamente um animal (a do Sociedade real de Londres pode matar um boi). Os legisladores americanos da província de Vermont estudam neste momento um projecto de lei para a execução dos condenados à morte. Propõem-se substituir a forca por uma descarga electrica.

O PRIMEIRO MERIDIANO. — A conferencia de Washington para a fixação do primeiro meridiano, terminou os seus trabalhos no 1.º de novembro. Sabe-se que foi escolhido o de Greenwich, cuja longitude occidental, em relação ao de Paris, é de 9 minutos 20 segundos e 6 decimos de segundo.

Uma unica voz se opôs à adopção d'esta proposição, a do representante de Saint-Domingue; abstiveram-se os delegados da França e do Brazil.

SEGUNDO A *Revue-Gazette maritime et commerciale*, o Chile, a Bolivia e o Peru possuem fontes de exploração d'uma riqueza considerável e são os armazens de abastecimento do mundo inteiro para o iodo, os nitratos alcalinos e os guanos.

A província de Tarapaca (Peru), segundo os cálculos dos engenheiros europeus e americanos, poderá fornecer todos os annos, durante mais de um seculo, 7 a 8 milhões de quintais de salitre, e o seu valor é de 3,000 milhões de francos pelo menos.

A exportação do Chile (azotatos e guanos) era de 625 milhões em 1882, quando em 1878 só comprava cerca de 300 milhões.

CONGRESO DE CLIMATOLOGIA E DE HIDROLOGIA. — Um congresso de climatologia e de hidrologia vai logar em Biarritz, em outubro de 1885, por



ESTAÇÕES

D'INVERNO

A CHEGADA A MONACO PELA ESTRADA À BEIRA-MAR



de uma exposição especial. Organizam-se-hão excursões científicas em toda a região das Pyrénées, tendo por objectivo as cidades de águas e as estações de inverno. O preço da subscrição individual é de 12 francos. As cartas de adesão deverão ser dirigidas ao presidente da *Blarritz Association*, em Biarritz.

AS POPULAÇÕES DE LONDRES, PARIS E NEW-YORK. — Londres encontra 4 milhões de habitantes, habitando 500.000 casas que ocupam um espaço de 304 quilómetros quadrados, isto é 8 pessoas por casa, 7 habitações e 132 pessoas por hectare.

Paris conta 2.400.000 habitantes, ocupando 77.000 casas distribuídas em uma superfície de 78 quilómetros quadrados, o que dá 29 habitantes por casa, 10 habitações e 290 habitantes por hectare.

New-York tem 1.350.000 habitantes, habitando 100.000 casas, isto é 13,5 pessoas por casa, em média.

A CIRCULAÇÃO NAS HALLES CENTRAIS DE PARIS. — O *Bulletin du ministère des travaux publics* diz-nos que o movimento dos carros que trazem os géneros aos pavilhões das Halles é dezenas considerável: atinge perto de 132.000 por anno, uma média de 361 por dia. Se juntarmos a estes veículos os que vêm trazer ou tomar as mercadorias a alguma distância, obtém-se o número de 1.301.700 carros por anno ou 3.566 por dia. Os géneros consumidos passam cerca de 1.500.000 quintais.

A INTELLIGENCIA DOS ANIMAIS

O *Konkeou* é uma ave cinzenta da Cochinchina. Vive em bandos; nunca se vê só. O seu nome em annamita significa ave falladora.

Para caracterizar a sua raça intelligente e a facilidade com que se affiçõa ao homem, os Annamitas contam a seguinte lenda:

* Um lavrador travalhava tranquillamente no seu campo, quando de repente apareceu, num voo rápido, um *Konkeou* familiar da casa.

O passaro pôz-se a puxar pelas vestes do Annamita; depois, dirigindo-se para a habitação, parecia convidá-lo a entrar imediatamente. O Annamita, sem compreender, continuava. Então o *Konkeou*, voltando à carga, usava de outros meios; esvoaçava por diante dos bueiros, picando-lhes as narinas e ameaçando-lhes os olhos como se quisesse absolutamente que se pusesse termo ao trabalho. O Annamita, impaciendo deu ao *Konkeou* uma pancada tão infeliz que o pobre animal caiu morto. O trabalho acabado, o lavrador voltou para casa. Achou-a roubada; os cadáveres da mulher e dos filhos jaziam por terra. Compreendeu então, inutilmente, a significação das marcas do *Konkeou*; debalde o fiel e intelligente animal tinha feito o seu possível para o levar em socorro da família assaltada pelos maiores.

Será isto uma lenda, ou uma historia verdadeira como o afirmam os Annamitas? Os factos que se seguem tendem a dar-lhes razão.

M. Béchu, hoje thesoureiro-pagador geral do Aveyron, tinha sido enviado pelo Thesouro francês para organizar a administração da Cochinchina conquistada. Instalado em Saigon, ensinou um *Konkeou* que tinha comprado por alguns saqueiros.

A ave, muito dada, saltava e esvoaçava pela casa sempre aberta. Como é sabido, as habitações annamitas têm aberturas para entrar e sair, mas não têm para as fechar. « Logo que precisava de comer, diz M. Béchu, procurava-me por toda a parte, quer em casa quer no jardim. Entrava mesmo no meu escriptorio cuja porta estava sempre aberta. Chamava a minha atenção por meio do um grito particular: olhava para mim e ia saltando até no alto tigela das suas refeições. Se eu tivesse a seguir, voltava logo, puxava-me pelas calças, e

convidava-me por toda a espécie de gestos uns mimos expressivos do que os outros a acompanhavam a juntar din. Então, depois de ter alhazado parreira, ia bater com o bico na pia com que eu costumava procurar-lhe os bichos que elle comia. Apesar de uma ponta de terra tinhá sido removida, logo o *Konkeou* se precipitava a gritar sobre a pia para que ella cesseasse de remover a terra; feito isto, procedia rapidamente à extirpação dos bichos, que comia com delícia. Quando já nada encontrava, olhava para o dum, dava um grito e picava no chão, dando assim o sinal para recomeçar o trabalho. Se M. Béchu lhe parecia muito vagaroso, o animal gritava, puxava-lhe pelas calças e por meio de picadas sucessivas iniciava-nos que desenvolvesse mais a actividade.

O *Konkeou* vivia em plena liberdade; mas, à noite, nunca deixava de entrar para casa. « Na vez, quando me reconhecia, diz M. Béchu, esvoaçava num círculo por cima da minha cabaça lancando o seu grito familiar; muitas vezes pousava no meu ombro, na minha bengala; depois, passados alguns instantes, partia de novo voando. Um dia para se distrair, M. Béchu saíra com a sua espingarda. Num arvore, onde possuía um bando de *Konkeous*, notou em passaro negro, cuberto de magníficas penas.

Desejoso de o matar, para o oferecer a um amigo, M. Béchu aproximou-se escondendo-se por detrás duma massa de bambus; chegado a distância conveniente, sem mostrar mais do que a cabaça, apontou o animal e faz fogo. O passaro negro caiu, diz M. Béchu, e a banda de *Konkeous* logo apavorado, a exceção de um só que vira directamente para mim, pousa no cano da minha espingarda, com as penas eriçadas dando um grito d'indignação; desce até à coroa, e rasga-me a mão as picadas: o meu *Konkeou*.

Subiu para o meu ombro, sempre encolerizado; só me deixou em casa depois de me ter dado mais de dez picadas na cabaça, e de me ter puxado obstinadamente pelos cabelos.

Depois d'uma mudança, M. Béchu não tornou a ver o seu *Konkeou* ou porque este tivesse desertado da nova casa onde o estormentavam as formigas vermelhas, grandes e ferozes, ou porque morresse vítima de algum acidente nas suas correrias vagabundas.

AGUAS PASSADAS

O Amor, que é a tristeza e a luz da nossa vida, Que é o fruto e a um tempo a flor d'este deserto, O eterno Amor, o Amor profundo, certo, Não é nem foi o amor que me trucida.

Senão, que o digas tu, o Margarida, E tu, Leonor, e tu, que vais mais perto, Mais doce o olhar, mais calmo o seio aberto, — Valle tranquillo que a sonhar convida...

Amor! clarões do sol com que me abraças A alma, talvez, na minha noite escura Todas passaram sacudindo as ajas...

Todas! E enquanto além, na estrada infida Sigo-as, na magia atroz que me tortura Sei que as amava e anal-as penso ainda.

Rio de Janeiro. — 1884.

SILVESTRE DE LIMA.



BASTIEN-LEPAGE

ARTISTA que faleceu há pouco tempo e de quem a ilustração publica hoje o retrato devidu ao buril do seu amigo Ch. Baude — era um dos mais eminentes da nova geração d'artistas franceses; um a quem já chamavam mestre e que brilhara extraordinariamente nos últimos *Salões de Paris*, apresentando várias telas do mais sobrido valor, donde se destacava uma originalidade vigorosissima, a par d'uma factura de primeira ordem.

Bastien-Lepage nasceu no dia 1 de novembro de 1848; todos quantos se interessam pelas questões artísticas se lembrarão de certos do ruídos que causaram as suas primeiras telas, do entusiasmo com que a critica saudou a sua aparição, do sucesso enorme que obteve o celebre « retrato de meu avô » — uma obra prima da arte moderna que o collocou logo entre os primeiros artistas de França, e que tão apreciada foi pela sua sinceridade, pela nota pessoal que resaltava de todos os lados, pela imensa compreensão da natureza, pelas qualidades maravilhosas de sentimento e de execução que o retrato possuia e que constituiram mais tarde o carácter próprio de todas as suas telas.

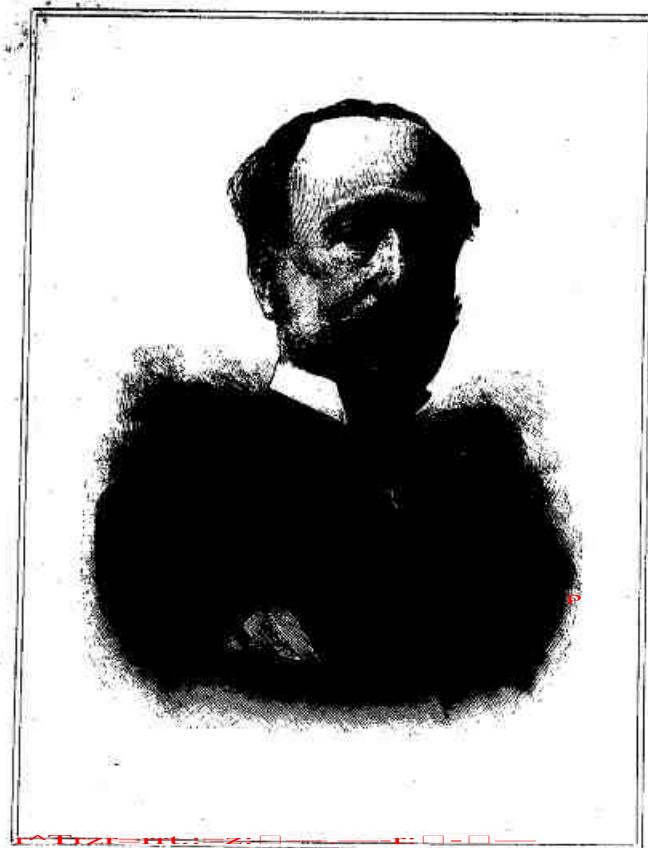
A sua carreira foi curta mas ha de ficar assinalada na história da arte moderna, por que o artista exerceu uma grande influencia sobre muitos dos novos pintores a quem as suas obras, com a sua extraña originalidade e perfeita execução, aconselhavam um estudo sincero e persistente da natureza, acompanhado d'uma grande correção e profunda sciencia do desenho.

Depois do retrato a que alludimos e que foi sem dúvida a tela que o revelou à critica e ao público, vieram sucessivamente os seus bellos quadros que se intitulam a *Communante*, les *Foins*, la *Récolte das pommes de terre*, le *Printemps*, *Jeanne d'Arc*, *L'Amour au village*, le *Père Jacques*, *le Mendiant* e muitos outros — quadros soberbos que lhe valeram varias medalhas e a fita do Legião d'Honra em 1878.

Mas em que Bastien-Lepage era sobretudo eminentemente era nos retratos que pintava e que formam uma preciosa galeria de verdadeiras obras-primas. Ficaram celebres entre outros os retratos de Alberto Wolff, o illustre chronista do *Figaro*, seu amigo e seu admirador, e um dos que mais agradaram o seu talento por meio da imensa publicidade do jornal onde elle escreve todas as semanas; — o retrato do príncipe de Galles, que trouvou conhecimento com o artista no camarim de Sera-Bernhardt, indo este expressamente a Londres para esse fim; — e o retrato de Sarah-Bernhardt. É este ultimo, uma verdadeira maravilha de simplicidade e de sentimento artístico que a ilustração vai publicar no proximo numero. A gravura é de Ch. Baude o artista a quem o nosso jornal deve uma parte do seu sucesso artístico. E não pode ser mais actual a pagina que este jornal vai oferecer aos seus leitores, pois que é uma das obras mais notáveis do pintor illustre que acaba de falecer, e ao mesmo tempo o retrato da celebre tragic de que hoje tanto se fala no mundo dos bastidores a propósito d'esta *Theodora* que ella acaba d'interpretar tão brillantemente; *Theodora*, a nova peça de Sardou acusadamente em cena no teatro da Porte-Saint-Martin de Paris, e que dentro em pouco deve subir a cena no teatro de D. Maria de Lisboa.

Por essa numerosa gravura poderão os que me leem fazer uma ideia das superiores qualidades do artista que faleceu no porto, e cuja morte é considerada como uma grande perda que traz de sofrer a arte contemporânea.

— 11 —



O SR. MARQUEZ DE PENAFIEL



RÚSSIA. — A PESTE EM ASTRAKHAN. — Imersão dos doentes nos águas galadas do Volga como remédio preventivo.



BARCOS NO AMAZONAS — Desenho original do nosso colaborador F. Villaca.



A ESTRELLA que deve guiar a marcha do gênero humano, é a utopia do filósofo, o sonho do poeta, o ideal do artista. É para a ver que o homem deve olhar sempre para os céus.

CHARLES BLANC.

A deshonra é uma ferida que se cicatrica, mas que nunca desaparece.

(Traduzido do árabe.)

Ha dois dias que chegam muito de pressa : o do casamento, e aquelle em que um sujeito deve ser enfurecido.

TACERAY.

O juiz é como o gelo; chega na quadra em que já se não precisa d'ele.

MARY LAFON.

A historia d'um regato, mesmo d'aquele que nasce e se perde na relva, é a historia do infinito.

ELYSEE RECLUS.

É necessário não pensar que, por se ser ministro, se é mais sensato e mais experto que os outros.

BISMARCK.

O casamento é um livro que não vale o seu prefácio.

X.

Sê bella, se podes; sabia se quizeres; mas o que é preciso é que sejas ajuizada.

BRALMARCHAIS.

O bom senso é o guarda-portão do espírito : o seu mister é de não deixar entrar nem sair as ideias suspeitas.

DANIEL STEIN.

As leis fazem-se na Câmara; mas os ministros nos corredores.

EDM. GONDINET.

Abram as portas à verdade e à mentira : é a mentira que ha de entrar primeiro.

NAPOLÉON III.

Os deuses passam como os homens, e seria bem mau se elles fossem eternos.

ERN. RENAN.

Ha três coisas que as mulheres de Paris detêm pela janella fóra : o tempo, a saúde e o dinheiro.

M. GEOFFRIN.

Quando se quer afirmar alguma causa, chama-se sempre Deus para testemunha — porque nunca nos contradiz.

ELISABETH DA ROMANIA.

Um exercito que discute, é como uma mão que quizesse pensar.

LAMARTINE.

A experiência é um trofeu composto de todas as armas que nos feriram.

TH. GERFAUT.

Ha tolices que um homem d'espírito quiseria ter dito.

Respeitei sempre os grandes, mas faço mais caso d'um grão de bondade que d'um mundo inteiro de grandezas.

P. DE L'ESTOILE.

A alma da liberdade é o amor pela lei.

KLOPSTOCK.

No vasto campo da intriga é necessário cultivar tudo, até mesmo a vaidade dos tolos.

AUG. PRÉAULT.

Passar a vida a fazer tolices e a lamentar-as, não é esta a história do mundo?

SAINTE-ARNAUD.



A GRANDE OPERA de Paris vai enfim sofrer as alterações que merecia. Morreu um director e já se nomearam dois — isto é, não sendo possível encontrar em toda a França um sujeito que reunisse todos os predicados exigidos para o lugar vago, pegou-se n'um homem que tinha muitas boas disposições e colou-se a outro que era primo d'um que morreu e que também as tinha, e das melhores, e fez-se com os dois o director modelo. São os srs. Ritt e Gaillard. Como vêem o primeiro presto-se devorá a ser aproveitado para um calembour, pelo sr. Mendonça e Costa.

Fizeram-se logo transformações. A Opera estava obedecendo a velhos regulamentos impossíveis de respeitar no século actual em que os cantores estão caros e o público exigente. Caram-se várias verbas escandalosas ou consideradas como tacs; iluminaram-se certos abusos que andavam passando pelos corredores com ars de legalidade; já se contractou uma das primeiras cantoras francesas — Adler-Devries; tratou-se de contratar Gayarre; e vão-se dar aos domingos representações populares para o que, a grande Opera, além do seu subsídio d'um milhão de francos, ainda vai receber mais cento e cinquenta mil francos de subsídio anual da municipalidade de Paris.

Enfim, outros tempos vão chegar; e a grande Opera deixará de ser o teatro do mundo onde o parisense mais se aborrecia, para se transformar n'um teatro de gôzo e de prazer.

Mas tudo isto não passa de projectos e bôas tentações. Por enquanto só ha de mudado o director pois que o outro morreu, e um ou outro empregado que pediu a sua demissão por se julgar incompatível com os novos dominantes. O público continua, como ainda ha um anno, a ver sempre o mesmo cartaz amarelo com a mesma meia duzia d'operas onde raras vezes se faz ouvir um artista de reputação, um artista novo, um artista de fama, dos que arrebata, como Gayarre, que só se ouvia em Paris pelo acaso d'aquí se ter criado um novo teatro dos Italianos.

Eu não quero dizer com isto que a Krauss, uma grande cantora, e Lassalle, um outro eminente artista, sejam intolleráveis. Longe de mim semelhante ideia. Mas uma Opera como a de Paris não pode viver apenas com dois artistas, excluindo systematicamente da sua cena as grandes reputações europeias, só para ter o orgulho de dizer que de ninguém precisa. Pois precisa!... E o público parisense tem o direito de exigir que lhe sirvam no seu teatro de opera os mesmos artistas celebres, que o público de Londres ou de Viena todos os annos aplaude.

— Mas então deixa a Opera de ser a Academia nacional de música...

Batatas! A arte francesa está perfeitamente guardada e protegida com o seu Conservatorio e com a sua Academia de belas-arts que acaba de eleger Léo Deslées para o fauteuil vago pela morte de Victor Massé. Mas quanto à Opera, ao simples theatro em si, que é vivamente frequentado o que ha de bom por esse mundo de Christo e que Paris não seja eternamente

DEUS

Of Haru, and from classic repertuary, sung
For his revolt...

MILTON.

Deus existe? — Ov é Deus somente um nome vazio?...
E bato as portas d'auru e de opala da aurora,
Donde o sol — velho leão — noite e estrelas devora;
E as estrelas da noite em louco turbilhão...

As mar, ao vento, ao raiu, ao tempo, ao abyrno em fôra,
Ao arqueiro, e à montanha, às lavas, e ao vulcão,
Ao passado, ao porvir, ao berço, à cova... Embora!...
Cala-se a natureza; e me responde: NÃO.

Suba à minha alma ento: chamo-a, interrogoo-a... Nada.
E ella fica a oscilar, no abyrno pendurada,
Vendo o espaço afundar-se em outro espaço sem fim...

Só entre o torvelin dos chaus em labirinto,
Como com seu bordão na areia um cego, — o inatuto
Sobre a poeira dos sôes grava um tremido SIM.

Luiz DE LIVRO.

■ terra donde estão quasi sempre excluídos os grandes cantores estrangeiros.

Compreende-se facilmente o exclusivismo da *Comédie française*, pois que a *Comédie* é um teatro que pode viver do que tem de sua casa. Quando um teatro possue um repertório que vem de Corneille a Hugo, passando por Beaumarchais e Molière e Musset e tantos outros, pode perfeitamente esquecer que existe o estrangeiro, posto que tenha sofrido grandes ataques da crítica francesa por não ter ainda dado um vasto lugar a Shakespeare. Mas quando a Ópera tem de abrir as suas portas aos maestros estrangeiros e quando as mais das vezes lhe faltam bons intérpretes, não há razão para que os não adquira para além das fronteiras. A decadência da Ópera veio principalmente da monotonia dos seus espectáculos. O público exige que lhe déem variedade, e os novos directores estão dispostos a servir o público e a adquirir novos artistas, apesar da oposição feita a esta medida pelos artistas de casa que querem para si todo o monopólio dos aplausos.

Guardemos para o proximo numero as boas impressões d'esta *Theodora* de Sardou, destinada a ser o grande sucesso teatral da epocha 84-85. Não sei se as receitas vão atingir o milhão, como sucede com o *Maitre de Forges* de Ohnet no *Gymnase*. É muito possível que não... A asneira humana não tem limites, e enquanto Gerard de Nerval quasi passava fome, não se banqueteava lantamente boim-senhor Ponson du Terrail?... Que significa o numero de admiradores no valor da obra d'arte? Absolutamente nada. O *Petit-Journal* de Paris que tira todas as manhãs 700.000 exemplares, quando começa a publicação de novo romance do sr. Boisgobey aumenta a sua tiragem de mais 200.000 exemplares. Exigem-n'lo as criadas, os cocheiros, os criados de café, as costureiras, as porteiros e as vendeadeiras das *Halles*. Esta multidão devora Boisgobey todas as manhãs, pela volta das sete. E que entusiasmo desperta no *Gil-Blas* o *Germinai* de Zola? Sabe Deus se a tiragem aumentou de 30.000 exemplares! Mas estes 30.000 significam muito mais em arte que os 200.000 do jornal acima citado. Em literatura as maiorias dão quasi sempre a siqueza — mas nunca a reputação.

O interesse que despertaram os ensaios da *Theodora* no público parisiense foi verdadeiramente colossal. E depois, Sarah-Bernardt em cada nova peça principia a excitar a curiosidade pela modista. Certo manto custou 8.000 francos. E o que lhes digo. 8.000 francos. Cerca d'um conto e quinhentos mil reis, moeda forte. E fallava-se em scenographias que tinham custado 36 contos de reis.

No momento em que se faziam nos jornais certas indiscrções acerca do que é *Theodora*, um redactor do *Figaro* fez revelações acerca da *Dénise* de Alexandre Dumas filho em ensaios na *Comédie Française*. E Dumas deitou logo carta, protestando. Revelar ao público o que se passa nos ensaios d'uma peça, é prejudicar todo o interesse que possa haver, é tirar toda a virginidade à obra que vai subir à cena. Dumas opôs-se formalmente a qualquer fúria de *reportage* moderna. E um jornalista do *Gaulois* foi consultar Sardou sobre o assunto.

Sardou pensa d'outro modo. Que se não deve dizer palavra sobre a peça em ensaios. Mas que o *reporter* pode passar em volta do teatro e dar todas as indicações acerca do que entra e do que sai pela porta da *caixa*. Daqui questão

literária, e é n'isto que se tem ocupado os cronistas dos teatros parisienses.

Mas a razão está do lado de Dumas filho. Por causa das indiscrções cabio em tempos na *Comédie* a *Henriette Marchal* dos Goncourt. Pelo mesmo motivo viu-se cair em Lisboa a celebre *Viagem à Paróquia* de Junqueira e Guilherme d'Azevedo, uma obra-prima de boa grega e grossa ironia portuguesa.

Baseado.

A NOSSA AGENCIA

Damos hoje resposta a maior parte das cartas que nos foram dirigidas pelos nossos assignantes e a que não podemos responder pelo correio por falta de morada. No proximo numero teremos respondido as que nos restam, ficando de novo regularizado todo o nosso serviço d'Agencia, alterado inteiramente por causa das medidas quarentenarias que interromperam todo e qu'quer serviço d'encomendas postaes para Portugal e de encomendas para o Brazil.

— L. I., Lisboa. — Custa 15 francos a assinatura anual.

— A. F. B., Lisboa. — Está completamente esgotada a edição.

— M. P. R., Lisboa. — Não existe em volume, e da revista onde foi publicado, não se encontra exemplar à venda.

— A. S., Lisboa. — Custa a grande photographia 25 francos.

— B. S. R., Lisboa. — Os preços variam desde 15 francos até 150 francos.

— A. M. M., Lisboa. — Custa cada metro 10 francos, mas os diretores d'afandega devem ser consideráveis.

— P. R., Lisboa. — Effectivamente os serviços de mensa são baratos comparados com os preços de Lisboa. Mas os diretores d'afandega são tais que é impossível a mercadoria na proporção que indica.

— N. O., Lisboa. — O melhor é dirigir-se directamente à casa que indica e onde serão dadas todas as informações sobre o que deseja.

— A. M., Lisboa. — A maneira mais simples de enviar é como encomenda postal. O serviço vai dentro de breve recomendar.

— R. S., Lisboa. — Podemos enviar pelo correio, mas não garantimos que chegue em bom estado.

— M. P. S., Lisboa. — A assinatura por anno é de 10 francos.

— A. R. F., Lisboa. — Os preços regulam em geral por 100 francos e além d'issos há o trabalho do gravador que custa também cerca de 100 francos.

— J. R., Lisboa. — Não podemos ainda obter resposta de Londres acerca do seu pedido de revistas científicas.

— A. M. S., Lisboa. — Custam os dez volumes 35 francos.

— Um assignante, Lisboa. — Custa cada masso 18 francos, pode ser expedido pelo correio.

— Um assignante, Lisboa. — O preço do volume ilustrado que deseja é de 30 francos a edição ordinária, e 100 francos a edição em papel de Hollanda.

— R. A. P., Porto. — Nada de que pode se encontrar em Lisboa. Talvez em Londres. Se deseja que nos incumbimos do seu pedido tenha a bondade de mandar a somma em vale de correio e depois h' diremos quais as outras despesas.

— M. P. R., Porto. — Todos os objectos que deseja estão em desacordo com os preços que indica. Se ahi

os obtem por esse preço prestaços vantajoso. Apesar disso nem todo é certo, mas diferente d'um terço a mais sobre a verba que aponta.

— J. R., Porto. — Ilha photographica da também sua magnificencia aquartada. A preços custa 9 fr. e a segunda 21 fr. o que é quanto é mais proprio para essa ilha e pôr n'uma casa. Isso mesmo mais 10 francos sobretrado para a taxa de gasto.

— X. Y. Eliseu. — Agradecemos pelas suas comunhão e indicação. O amigo tem carinho de razão. Simplemente não consegue bem o matrimônio d'uma a administração de jornal e publicar que todos os medíos encantos se podem fazer a correr. Não é tanto assim. Tudo pôrto indica a impossibilidade seu tempo. Mas desde a primeira suspeita se houver de que a empresa ilhecer e depois verá se que se faz. Por enquanto só que se preveja e a confiança e a amizade do público. Vai-lo um pensamento digno de Gallieni! Antes de ser homem para pôr em produção obreiras, o homem só criação. Esta contém com a razão? — Quando a viver nos arredores de Paris por algum tempo, só pode ser nos meses de julho, agosto e setembro. Mas ningném escinde os arredores quando se derrama um incê. O que lhe aconselhamos é tornar pensão n'uma casa de família, casas inglesas, para os filhos de Neuilly, Bois comuna, Bois ar, e Vila Buzan, e tranquilidade. E o melhor que tem a fazer. E quando chegar a Paris, appareça para conversarmos. Da sempre prazer abraçar um amigo velho!

— Um assignante, Porto. — O preço do papel alado media é de 3 francos e 50 centimos cada caixa de 200 folhas e 50 envelopes; ou de 5 francos e 75 centimos superior qualidade, a caixa igualmente de 50 folhas e 50 envelopes. Para presente recomenda-se a caixa de 6 e 75. Para uso diário a de 3 e 50. A temessa pode ser feita como encomenda postal.

— Osvaldo. — Basílicas de Louis Viguer. Ima 12 ó diâmetros brochados a 10 francos cada, 3 volumes a 3 e 50. Ima volumes a 20 francos. De Gauchie Flemmar. Ima 3 volumes a 10 francos cada; 7 volumes a 3 francos e 50 cada.

CONTENCIOSO. — Negócios civis e commerciais; cobranças, heranças, Indicações comerciais.

Persegui e defender diante de todos os tribunais franceses.

Administrador de propriedades em França.

Escrever ao Director do Contencioso dos arrendamentos, — 12, boulevard de la Villette. — Paris.

THEATROS DE PARIS

Peças que actualmente se representam com maior sucesso.

Opéra. — Françoise de Rimini. — Guillaume Tell. — Faust.

Comédie. — Les Femmes savantes. — Pattes de mouche.

Opéra-Comique. — Roméo et Juliette. — Carmen. — Galathée. — Mason.

Odéon. — Sévero Torelli.

Château-d'Eau. — Champeiro.

Porte-Saint-Martin. — Theodora.

Chatelet. — Poule aux Œufs d'Or.

Gaîté. — Le Grand Mogol.

Ambigu. — La Fille du diable.

Gymnase. — La Camaraderie.

Vaudeville. — Le plus heureux des trois.

Variétés. — Revisons.

Palais-Royal. — Les petites Godin.

Bouffes-Parisiens. — Le diable au corps.

Folies-Dramatiques. — Rip.

Renaissance. — Voyage au Caucasse.

Nouveautés. — Château de Tires-Larigot.

Eden-Theatre. — La Cour d'amour.

Déjaset. — Le Lapin.

Beaumarchais. — Les Proches du Roi Marly.

Cluny. — Trois femmes pour un mari.

